



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA**

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ACEITA QUE DÓI MENOS

**REFLEXÕES E POSSIBILIDADES SOBRE O PROBLEMA PSICOFISIOLÓGICO DO
RESSENTIMENTO EM NIETZSCHE**

ALESSANDRO MIGOTTO JUNIOR

Foz do Iguaçu
2023

ACEITA QUE DÓI MENOS

**REFLEXÕES E POSSIBILIDADES SOBRE O PROBLEMA PSICOFISIOLÓGICO DO
RESSENTIMENTO EM NIETZSCHE**

ALESSANDRO MIGOTTO JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Profa. Doutora Idete Teles

Foz do Iguaçu
2023

ALESSANDRO MIGOTTO JUNIOR

ACEITA QUE DÓI MENOS

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES SOBRE O PROBLEMA PSICOFISIOLÓGICO DO
RESSENTIMENTO EM NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Doutora Idete Teles
UNILA

Prof. Doutor Gilmar José de Toni
UNILA

Prof. Doutor Stefano Busellato
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a Maria Clara, minha
força vital de todos os dias. Obrigado pela
existência filhinha.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha professora orientadora Idete Telles, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade. Como outrora já disse pessoalmente, é uma honra ter seu nome aqui. Agradeço em mesmo grau de importância ao professor Stefano Busellato, que hoje não está mais na instituição, mas que sem suas aulas e orientações este trabalho não seria possível.

À minha família, Maria Clara, Jacira, Alessandro, Angela, Rafaela, Fernando, Enzo e Isis. Em especial, e sem medo do futuro, ou melhor dizendo do desabrochar da vida, minha companheira Angela. Pelas palavras de força quando precisei. Pelas críticas quando também precisei. E por estar comigo corrigindo, escrevendo, refletindo sobre assuntos deste trabalho de conclusão de curso.

A todos os colegas de universidade, seja desse curso ou de outras matérias, todos têm um lugar aqui. Em especial, ao meu colega de universidade, da vida e agora de ofício, Pedrão, obrigado. Aos meus colegas de ofício e da vida Gabriel, e Rogério, vocês tem lugar nisso.

E claro, por mais abstrato que possa parecer, mas não metafísico, à vida, à natureza, aos gatos, cachorros e ratos. Sol, lua, chuva e escaldante sol de Foz do Iguaçu. Obrigado.

“Qual foi, até agora, o maior pecado aqui na terra? Não foi a palavra daquele que disse: *Ai daqueles que agora riem!*? Ele próprio não achou na terra motivos para rir? Então procurou mal. Aquele – não amou o suficiente: senão teria amado também a nós, os risinhos! Mas ele nos odiou e escarneceu de nós, prometeu-nos muito choro e ranger de dentes. Deve-se amaldiçoar quando não se ama? Isso pareceu-me de mal gosto”.

(Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*)

RESUMO

O trabalho consiste em uma análise, revisão bibliográfica, do problema psicofisiológico do ressentimento na vasta filosofia de Nietzsche. Para tanto, ora estaremos dialogando com o próprio Nietzsche, ora com comentadores confiáveis. Para o nosso autor, o ressentimento é uma força contrária à vida. É um fenômeno psicofisiológico que opera nos corpos e nas mentes de homens e mulheres da cultura ocidental e os impede de viver a vida em todas as suas potencialidades, aproveitando tudo o que se pode. Isso ocorre por estarmos presos a ideias imaginárias de mundos possíveis que não passam de ilusões advindas da falsa ideia de livre arbítrio da cultura ocidental, que vem gerando corpos e mentes adoecidos em si e por si mesmos. Podemos dizer, então, que o ressentimento é um problema da moralidade ocidental que fora construído em cima das ideias de bem e mal, certo e errado, corpo e alma, e que para o nosso autor a única finalidade dessa moralidade é o apequenamento da espécie humana. Tratamos também de analisar as mais diversas formas de superar essa impotência frente ao mundo, merecendo destaque o naturalismo nietzschiano, o poder do riso, a tragédia e o cinismo. Aceitar a vida como ela é, isto é, vontade de potência, é para o nosso autor uma forma de se colocar na vida, para a vida e com a vida. Podemos então concluir que nosso autor é um vitalista, isto é, que desenvolve uma filosofia da vida, privilegiando a vida em toda a sua potencialidade, e o ressentimento seria um movimento contrário a essa força maior.

Palavras-chave: ressentimento; psicofisiologia; naturalismo; riso; cinismo, vitalismo.

RESUMEN

El trabajo consiste en un análisis, una revisión bibliográfica, del problema psicofisiológico del resentimiento en la vasta filosofía de Nietzsche. Por lo tanto, a veces estaremos dialogando con el propio Nietzsche, a veces con comentaristas fiables. Para nuestro autor, el resentimiento es una fuerza contraria a la vida. Es un fenómeno psicofisiológico que opera en el cuerpo y la mente de hombres y mujeres de la cultura occidental y les impide vivir la vida en su máximo potencial, aprovechando todo lo que pueden. Esto ocurre porque estamos atrapados en ideas imaginarias de mundos posibles que no son más que ilusiones surgidas de la falsa idea del libre albedrío en la cultura occidental, que viene generando cuerpos y mentes enfermas en sí mismas. Podemos decir entonces que el resentimiento es un problema de la moral occidental, la cual fue construida sobre las ideas del bien y del mal, del correcto y del incorrecto, del cuerpo y del alma, que para nuestro autor el único fin de esta moral es la disminución de la especie humana. También intentamos analizar las más diversas formas de superar esta impotencia ante el mundo, destacando el naturalismo de Nietzsche, el poder de la risa, la tragedia y el cinismo. Aceptar la vida tal como es, es decir la voluntad de poder, es para nuestro autor una manera de situarse en la vida, para la vida y con la vida. Podemos entonces concluir que nuestro autor es un vitalista, es decir, desarrolla una filosofía de vida, privilegiando la vida, en todo su potencial, y el resentimiento sería una fuerza opuesta a esta fuerza mayor.

Um espaço entre o resumo e palavras-chave.

Palabras clave: resentimiento; psicofisiología; naturalismo; riso; cinismo, vitalismo.

ABSTRACT

This research is an analysis, a bibliographical review, of the psychophysiological problem of resentment in Nietzsche's wide philosophy. For those means, we will sometimes be dialoguing with Nietzsche himself, and sometimes with reliable commentators. For our author, resentment is a force against life. It is a psychophysiological phenomenon that operates in the bodies and minds of men and women in Western culture and prevents them from living life to its fullest potential, taking advantage of everything one can. This happens because we are trapped in imaginary ideas of possible worlds that are nothing more than illusions arising from the false idea of free will in Western culture, which has been generating sick bodies and minds in and because of themselves. We can say, then, that resentment is a problem of Western morality that was built on the ideas of good and evil, right and wrong, body and soul, and that for our author the only purpose of this morality is the diminishment of the human species. We also analyze the most diverse ways of overcoming this impotence, highlighting Nietzsche's naturalism, the power of laughter, tragedy and cynicism. Accepting life as it is, which means as the will to power, is for our author a way of placing oneself in life, for life and with life. We can then conclude that our author is a vitalist, that is, he develops a philosophy of life, privileging life in all its potential, and resentment would be an opposite move against this greater force.

Key words: resentment; psychophysiology; naturalism; laughter; cynicism, vitalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VITALISMO, A POTÊNCIA DA VIDA	15
3 SOCRATISMO PLATÔNICO, UMA FILOSOFIA DO RESENTIMENTO?	17
4 RESENTIMENTO.....	21
5 O RESENTIMENTO COMO FENÔMENO PSICOFISIOLÓGICO.....	25
6 ENTRE O RESENTIMENTO E A MÁ CONSCIÊNCIA, DOENTES DE CORPO E ALMA	27
7 O RESENTIMENTO CONTRA A VIDA	32
8 O RESENTIMENTO CONTRA O MUNDO OU O RESENTIMENTO CONTRA SI MESMO? O PROBLEMA DA SEDE DE VINGANÇA	34
9 SUPERAR O RESENTIMENTO É POSSÍVEL?	36
9.1 O CUIDADO DE SI E O ALÉM HOMEM, UMA IDEIA DE NATURALISMO	37
9.2 A SUPERAÇÃO NO RISO E NA CRIANÇA	39
9.3 A SUPERAÇÃO NA TRANSVALORAÇÃO, UMA ATITUDE CÍNICA	45
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
11 REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Nietzsche, um filósofo que desperta sentimentos no mínimo conflituosos naqueles que se arriscam a adentrar no universo único e também conflituoso da filosofia. Há aqueles que detestam, há aqueles idolatram. *Postura humana, demasiadamente humana*; por isto, a consideramos normal. E, claro, acreditamos também que há aqueles que além idolatrar ou detestar, procuram entender. Acreditamos ser essa nossa postura aqui.

É claro que o ponto de partida para dedicar tempo de estudo ao nível de um TCC para um tema, qualquer que seja, é, antes de mais nada, o interesse. E este é o nosso caso. Além do interesse, há um sentimento genuíno de, por algum motivo, gostar — não idolatrar — do filósofo em questão e, até mais do que isso, gostar dos temas pelos quais ele vai produzir seu conhecimento.

Poderiam ser muitos os temas para esse TCC dentro da filosofia Nietzscheana. Pois são muitos os temas pelos quais ele produzirá conhecimento. Nada de novo, quase todos os filósofos são assim: Falam sobre muitas coisas. Mas nosso recorte aqui é bastante específico. Trataremos de fazer uma revisão bibliográfica sobre o que este pensador pensou sobre o ressentimento. Como uma boa revisão que esse texto pretende ser, ora dialogamos com o próprio autor, ora estaremos apoiados em comentadores.

A escolha do ressentimento, vem antes de mais nada por identificar esse sentimento danoso, que volta de novo, como algo comum na cultura da qual estamos inseridos. Logo nos colocamos como parte desse problema. Afinal não parece ser tão incomum pensamentos ou até mesmo ouvir, coisas como – “*se eu tivesse feito isso, agora poderia ser diferente. Se eu tivesse me dedicado a relacionamentos, estudos, poderia ter tido outro resultado*”. Problema de cunho humano, moral, psicológico, corpóreo. E que impede de vivermos uma vida mais leve. Mais bela. Mais potente em si mesma por ser exatamente como se é.

Temos que adiantar: Nietzsche não é o primeiro, tampouco único, que vai refletir sobre esse sentimento humano, demasiado humano, mas este produzirá um conhecimento, no mínimo, digno de ser estudado por todos aqueles que se interessam

pelo tema. Talvez, por todos aqueles que se interessem em também refletir sobre o que é essa coisa que chamamos de ser humano.

Há que dizer também que, além de delimitarmos nosso tema no tangente ao ressentimento, recortaremos ainda mais e analisaremos o fenômeno do ressentimento enquanto fenômeno na esfera da psicologia e dos corpos; nos próprios termos daqueles que se dedicam a estudar Nietzsche, na psicofisiologia. O filósofo também refletiu sobre o ressentimento enquanto fenômeno social ou político. No entanto, não entraremos nessa perspectiva aqui.

Pretendemos aqui, então, entender o que é esse sentimento que nasce de novo e como ele opera nos *corpos mentes*¹. Isto é, por que há pessoas que são ressentidas? Por que existe esse sentimento que sempre nasce de novo? E também por quê, de acordo com Nietzsche, esse sentimento é tão forte na cultura ocidental? Há algo em especial que formou mentes e corpos a ponto desse sentimento ser um fenômeno tipicamente da cultura ocidental?

Para entendermos como opera o ressentimento nas mentes e corpos, precisamos adentrar na psicofisiologia nietzschiana. Isto é, entender o que é sua teoria sobre mentes e corpos, e então mostrar que o ressentimento não é a única coisa sobre a qual a psicofisiologia nietzschiana refletirá, mas, com certeza, uma parte fundamental. Pretendemos fazer isso para demonstrar como, em Nietzsche, existem doentes e corpos saudáveis. Em linhas gerais, corpos doentes são corpos ressentidos, e corpos saudáveis são corpos que esquecem.

Para o nosso autor, o problema do ressentimento é um problema típico da cultura ocidental. Trouxemos então um diálogo platônico como forma de representar o nosso entendimento sobre a cultura ocidental e, mais do que isso, sobre a moralidade ocidental. Esse diálogo é o "*Fédon*", que são as últimas horas de vida do ideal homem platônico: Sócrates. Em outro momento, também perpassaremos o conceito de vida em Nietzsche, pois é possível dizer que o ressentimento é um sentimento que opera contra a vida. A vida é força criadora que se renova, por ser força. Chamamos isso de vitalismo. O ressentimento é força contrária à força criadora da vida, pois o ressentido sempre

¹ No entendimento de Nietzsche, não há diferença entre corpo e mente, bem como para boa parte da tradição. Por isso, usamos o termo *corpos mentes*.

pensará que as coisas poderiam ser diferentes, quando na verdade as coisas são o que são.

A vida não pede licença. A vida não pede por favor. A vida não tem a obrigação de agradar. A vida apenas se desabrocha, e sempre desabrochará. Canta uma banda da atualidade: “nada conterà a primavera”². Se leram Nietzsche, não sabemos, mas resumiram aqui, de forma clara e bonita, o que pretendemos fazer em algumas boas páginas.

Aqui também está outro ponto pelo qual passaremos: é possível superar esse sentimento que nasce de novo? A boa resposta é que sim. A resposta ainda melhor é que, em tese, é fácil; bastaria esquecer. Mas sabemos, e Nietzsche também sabia, que o ser humano é muito mais complexo que isso.

Nietzsche desenvolverá algumas possíveis formas de superação desse sentimento que nasce de novo: cuidados com o corpo ou simplesmente higiene corporal. Destacamos aqui, novamente, a perspectiva fisiopsicológica do filósofo. Para tratar algo que seria uma doença da mente, antes de mais nada é necessário que o corpo esteja saudável, ou desenvolver formas para que o corpo fique saudável.

Outra concepção interessante, no que tange à superação do ressentimento, se dá pela via de entender que, nem que quisermos, seremos mais fortes que a vida. A proposta então é se entender enquanto parte da natureza, ou simplesmente se entender enquanto parte da vida; não sujeito à parte, mas humano-natureza. Um destaque especial para o olhar da criança e para o riso. Afinal, se não é possível lutar contra a vida, poderíamos rir da vida: um riso trágico, mas ao mesmo potente, pois, se nada pode ser feito, rir parece uma atitude sábia.

Por fim, entraremos na filosofia como forma de vida e pensaremos a vida, ou pontos que nos são relevantes, de uma figura filosófica que, no nosso entender, viveu a vida como filosofia ou como arte: o cinismo de Diógenes. O que o trágico ou até mesmo grotesco da vida de Diógenes tem para ensinar para aquele que entendeu que a vida é força e matéria... e nada além disso.

² Música de Francisco El Hombre, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hbCxQIxIPQ4>

2 VITALISMO, A POTÊNCIA DA VIDA

Entendemos que, para se ter uma compreensão mais adequada do problema do ressentimento, é necessário, anteriormente, uma compreensão do conceito de vitalismo dentro da vasta obra do nosso pensador. Isto porque, na nossa compreensão, a filosofia nietzschiana é uma filosofia da vida e para a vida.

Para Nietzsche, a vida tem uma força intrínseca, ou melhor dizendo, inerente a si mesma. A vida é uma potência ativa que se desabrocha o tempo todo. Esse desabrochar só pode ser da forma como é. Não há espaço para um querer humano no desabrochar constante e potente da vida. Força criadora... Força geradora... da própria vida.

Esse desabrochar da vida não tem compromisso prévio com nenhuma ideia, ou com nenhum ideal de qualquer ser humano que seja. Ela vai acontecer como deve acontecer. Sem pedir permissão, sem pedir licença, sem pedir se pode ou não, até porque parece estranho imaginar uma situação na qual a vida perguntaria para qualquer ser humano que seja se ela pode ou não desabrochar.

A vida, entendida no sentido biológico, é o conceito fundamental da filosofia de Nietzsche, pois ela orienta a genealogia em seu momento crítico: constitui o único lugar reconhecido de emergência dos valores, além ou aquém do qual nenhuma valoração é possível. Por pensar o real, em toda sua generalidade e na diversidade de seus aspectos, por referência à ideia de vida, pode-se considerar Nietzsche um filósofo vitalista (BACELAR, 1994, p. 35)

Salientamos, então, que a filosofia para Nietzsche é para a vida e com a vida. Isso significa dizer que é a vida como ela é, força criadora, força geradora. A vida é o que é e como é, não dos modos como pensa qualquer ser humano que seja, que ela poderia ser. Nietzsche então pensa a filosofia como muito próxima da história, por ser uma filosofia da vida de avaliação dos critérios da vida. “Filosofia histórica, o mais recente de todos os métodos filosóficos, inseparável das ciências naturais” (HH § 1).

Nesse sentido, então, o método usado para se avaliar não só o critério da filosofia, mas da vida, uma vez que ambas dizem respeito umas às outras, é o

genealógico, que além de buscar a origem das coisas, também busca avaliar os critérios das coisas. No caso específico, veremos que são os critérios de bem e mau.

Nosso autor chama esse aspecto da vida de vontade de potência. Nas palavras do próprio autor: “A vida não é adaptação de condições internas às condições externas, mas vontade de potência que, do interior, submete e incorpora sempre mais o ‘exterior’...” (Nietzsche, 1998, § 9)

Percebemos, inclusive, nesse sentido, que a vida, como entendida na perspectiva de Nietzsche, choca-se com um conceito de vida bastante aceito na cultura ocidental: o de livre arbítrio. Na cultura ocidental há a crença de que podemos escolher nossas atitudes, criar nosso caminho, fazer escolhas frente às várias possibilidades que a humanidade teria. Porém, o que percebemos na filosofia de Nietzsche é, mais uma vez, uma inversão disso:

Neste sentido, Nietzsche rejeita veementemente a crença no “livre arbítrio”, bem comodenuncia a estratégia montada sobre a ideia de que existe de fato um sujeito capaz de manipular livremente sua vontade, suas escolhas e decisões. Com sua arte de desmontar e dissecar o cadáver moral, o filósofo afirma que existe um lucro, um grande interesse por parte daqueles que defendem o livre arbítrio, pois à medida que acredita-se que homem é livre para escolher entre o bem e o mal, aquele que por ventura se porta de forma errada-má, poderá ser responsabilizado, enquadrado na categoria moral de culpado. Dito de outro modo, através da farsa do livre arbítrio, os fracos-ovelhas dão um salto em sua busca de poder, pois ao convencer os fortes-aves de que são livres e portanto, culpados, preparam o terreno para a grande jogada, ou seja, a “transvaloração dos valores” nobres. (MEDEIROS, p. 60, 2018)

Para o nosso pensador, a ideia de livre arbítrio é ilusória, pois a vida é mais forte que qualquer uma das possíveis ideias de mundos que achamos que poderia existir. Desse modo, por acharmos que poderíamos ter feito uma coisa diferente do que foi, acabamos por nos prender a essas ideias pré-concebidas que, no final das contas, não existem na realidade, mas apenas nas nossas ilusões de liberdade de escolhas possíveis forjadas.

Nesse conceito de vida, vida como ela é, vida real, longe de pretensões niilistas, tão características de todos nós, moldados moralmente nos dogmas cristãos. Quando não nos dogmas de uma filosofia ocidentalizada, platônica, aristotélica, agostiniana, tomista, que apesar de serem todas diferentes umas das outras, algo tem em

comum: a noção de alma, de uma alma que pode escolher, fazer uma coisa ou outra. Nietzsche pensa na contramão dessa filosofia e dirá no *Ecce Homo*:

A noção de ‘alma’, ‘espírito’, por fim a ‘alma imortal’, inventada para desprezar o corpo, torná-lo doente – ‘santo’ –, para tratar com terrível frivolidade todas as coisas que na vida merecem seriedade, as questões de alimentação, habitação, dieta espiritual, assistência a doentes, limpeza, clima! Em lugar da saúde a ‘salvação da alma’ – isto é, uma loucura circular entre convulsões de penitência e histeria de redenção! (Nietzsche, 1995, p. 116)

Aqui está para nós o porquê nosso autor é importante para repensar toda uma tradição judaico-cristã, que teve por influência o platonismo e o aristotelismo, que afastou o ser humano do real, do corpo e dos cuidados do corpo; ora em nome da salvação da alma, ora em nome da moral, ora em nome do bem ou mal, sempre deixando de viver a realidade e atualidade da vida como ela é.

Em último caso, forjando seres humanos preocupados com ideias, ideais, metafísica, deus, alma... Criando um ser humano que inclusive se coloca fora da natureza, acima da natureza, e que não foi capaz de entender que somos natureza, e que esta natureza é mais forte que qualquer inclinação humana que seja. Este ser humano forjado nos dogmas cristãos, na moral cristã, na moral, é um ser humano ressentido, pois acha que a vida deveria ser como ele quer fosse, e como há foi dito, a vida é o que é.

3 SOCRATISMO PLATÔNICO, UMA FILOSOFIA DO RESENTIMENTO?

A filosofia, e aqui estamos da filosofia tradicional³, está para o exercício da liberdade ou está para o exercício do aprisionamento? Em alguma medida, faz-se necessário refletir aqui sobre o antigo (e atual) problema corpo/alma. E é inevitável não pensar na herança socrático-platônica, que entende o corpo enquanto prisão da alma.

O corpo é o lugar do erro. A alma é a pura razão. Nossos vícios são produtos do corpo. Nossas virtudes são produtos da alma. O filósofo, socrático-platônico, então, nessa perspectiva, como sujeito racional que é, é aquele que vive em conformidade com a alma: leva uma vida puramente racional, sem paixões, sem vícios.

Lembremos também que a filosofia platônica anuncia que, após a morte, a

³ Isto é, Sócrates, Platão, Aristóteles, Santos Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes.

alma pode finalmente se ver livre de seu cárcere – o corpo. Sem corpo, não erramos. Sem corpo, somos puramente razão. Sem corpo, se levamos uma vida em conformidade com a razão, podemos conhecer as formas perfeitas do entendimento. Podemos conhecer a verdade. É, portanto, uma filosofia que condena o corpo e todas as suas potencialidades.

Vejamos um diálogo platônico, *Fédon*, onde é exposto o ideal platônico de homem ou de filósofo, à beira de sua morte, Sócrates:

É chegado o momento que eu exponha a vós, que sois meus juízes, as razões que me convencem de que um homem, que haja se dedicado ao longo de toda a sua existência a filosofia, deve morrer tranquilo e com a esperança de que usufruirá, ao deixar esta vida, infinitos bens. Procurarei dar-vos provas disso, ó Símiias e Cebes. Os homens não sabem que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda a sua vida na preparação de sua morte e para estar mortos; por ser assim, seria ridículo que, depois de ter perseguido este único fim, sem descanso, recusassem e temessem diante da morte (Platão, 1995, p. 124 grifo nosso)

Sócrates, aqui nessa passagem, narra com muito heroísmo os motivos de não preocupar-se com a morte, ou pelo menos, simbolicamente, com a morte de seu corpo. Afinal, este é o mesmo fim de uma filosofia que condena as potencialidades do corpo, que entende o corpo como fonte de erro e como prisão da alma. "Bom então é morrer, e o verdadeiro morrerá tranquilamente pois espera uma outra vida sem corpo, este instrumento do erro e dos vícios. 'Eis por que não me aflige com a minha morte; morrerei tendo a esperança de que existe alguma dessa vida e de que, de acordo com a antiga tradição, os bons serão mais bem tratados que os maus'." (Platão, 1995, p.124)

Nessa passagem, então, temos uma possível ideia resposta para nosso problema aqui levantado. Veja que Sócrates vive na esperança de ter uma vida melhor. Ou seja, ele nega a vida real. Ele nega a vida que se apresenta e, além de toda essa negação da vida como se apresenta, ainda espera que, com a morte do corpo, os bons sejam mais bem tratados que os maus.

Lembremos o que Nietzsche fala: "O que se faz por amor sempre acontece para além do bem e do mal"⁴. Aquele que nega que a vida como ela é, é ressentido. Negar

⁴ *Além do bem e do mal*, § 153.

as potencialidades do corpo significa negar as pulsões da vida, como os prazeres, as dores, os risos, os temores. Além de negar o corpo, ainda vemos que, no ideal de homem e de filósofo platônico, o corpo conduziria ao erro; ao vício. Logo, seria bom não tê-lo. “Virtude é saber; só se peca por ignorância; o homem virtuoso é o homem feliz” (Nietzsche, 2007, p. 149). O pecado, então, parece estar em concomitância com os atributos do corpo, conforme veremos abaixo:

O corpo nunca nos conduz a algum pensamento sensato. Não, nunca! Quem faz nascer as guerras, as revoltas e o combate? Nada mais que o corpo, com todas as suas paixões. Com efeito, todas as guerras têm origem apenas no desejo de acumular riquezas, e somos obrigados a acumulá-las pelo corpo, para servi-lo, como escravos, em suas necessidades. Eis o motivo de não termos tempo para pensar em filosofia; e o pior é que, quando conseguimos alguns instantes de paz e começamos a meditar, este intruso irrompe em meio de nossas investigações, nos entorpece, nos perturba e nos impede o discernimento da verdade (Platão, 1995, p.128)

O corpo, na filosofia platônica, e em nosso entendimento na tradição filosófica, é o lugar do erro e a ser evitado. Afinal, o corpo significa paixão, desejo, vontade, e a máxima filosófica do corpo como tudo o que é ruim e alma como sede da bondade surge ou ganha forma nos diálogos platônicos.

Ingenuidades à parte, isso não fica apenas nos diálogos platônicos, mais especificamente em *Fédon* (ou “Da Alma”). Esses ensinamentos são as bases da moral cristã, e precisamos de muito pouco para notar que nossa cultura está permeada de platonismo. Somos seres estranhos de nós mesmos, pois temos corpo, este intruso que impede o conhecimento da verdade. Não aceitamos nosso corpo. O que deveria ser nossa primeira moradia, nosso primeiro lar, nossa matéria que deveria ser entendida enquanto cuidado e conhecimento, é entendido como sinônimo de erro, pecado, vícios. A base de nossa cultura, que é a filosofia, nos ensina a negar algo que é inerente a nós mesmos, que para além do pensamento é o corpo.

Todo nosso mundo moderno está preso na rede da cultura alexandrina e tem por ideal o homem teórico, equipado com os mais poderosos meios de conhecimento, trabalhando a serviço da ciência e cujo protótipo e ancestral original é Sócrates. (Nietzsche, 2007, p. 180)

O mundo moderno foi forjado nas ideias socráticas-platônicas, nos mundos possíveis da velha filosofia das ideias. Em nome da razão ou da alma, os corpos foram diminuídos? Quantas experiências deixamos de vivenciar? Em nome da razão ou da alma, quantas vidas possíveis deixamos de viver? Estranhos a nós mesmos por sermos seres

que têm corpo, sendo este a sede do pecado, do erro, do vício, e tudo isso deve ser deturpado.

Então, é extremamente racional aniquilar o corpo, ou os corpos. Aqueles que têm apenas corpo. Já superamos o ápice da racionalidade? Já superamos essa filosofia que queria ser totalmente racional e conduzir a uma vida verdadeiramente boa, fora da vida? Ou será que é exatamente aí que habita o ressentimento como marca da cultura ocidental?

Retomemos uma das perguntas fundamentais da filosofia: a filosofia é o exercício da liberdade ou do aprisionamento? A resposta arriscada aqui é que uma filosofia que parte da divisão corpo/alma, e que, como já fora exposto, considera a racionalidade um atributo do pensamento, distante da realidade, só pode ter como produto a prisão. A prisão do próprio pensamento e, em última instância, o impedimento do pensar; logo, a morte da filosofia. Uma filosofia que parece mesmo pensar o pensamento; pensar o pensamento longe de qualquer censura. Para tal, é urgente que escutemos o corpo e entendamos que, em alguma medida, o pensamento também é produto do corpo.

Ora, se é verdade que o pensamento é produto do corpo, a filosofia parece ter sido mal interpretada ao longo de sua existência. Lembremos que Platão e até mesmo Aristóteles, em algum momento, chegaram próximo a argumentar nesse sentido, quando disseram que a filosofia causa espanto e encantamento. O que são essas duas reações senão o corpo falando? A razão tem limites, seja no entendimento, seja na linguagem. A partir daí, é o corpo que fala, e é justamente aí que residem os problemas filosóficos.

Onde a razão não chega, onde a linguagem parece não fazer sentido, e realmente não precisa fazer sentido, é justamente aí, nesse limite da racionalidade, limite da linguagem, que a humanidade inventou as artes. É no silêncio da razão que o corpo dança, canta, vibra, e a linguagem racional não faz mais sentido lógico. E é justamente aí que mora a filosofia da vida. Uma filosofia vitalista. Arrisco a dizer que não apenas a filosofia está próxima da arte, mas que ela é arte.

"A arte é a tarefa mais elevada e a atividade essencialmente metafísica desta vida" (Nietzsche, 2007, p. 40) Invertendo a filosofia platônica, nosso pensador coloca a arte como a metafísica da vida. Metafísica e vida, juntas. Vida real. Vida que se

desabrocha. Metafísica que diz respeito a essa vida. Uma contradição no platonismo. Uma é parte da outra na filosofia nietzschiana. Esta metafísica não é de outro mundo, mas são os fenômenos psicofisiológicos que as artes fazem nos corpos e mentes, e que a filosofia igualmente faz, mas é negada.

O filósofo é o artista da vida, pensador da vida e vivente da vida, mas de uma vida como ela é. Um artista que reinventa o mundo ou que aceita o mundo, e cada nova boa teoria filosófica fala ao corpo. Causa espanto e encantamento, e parece tocar a alma, mas não a antiga alma racional, mas a alma artística.

Ou um espírito artístico... Apolíneo? Dionisíaco? Talvez, os dois.

4 RESENTIMENTO

O problema do ressentimento surge na obra de Nietzsche principalmente no que convencionou-se chamar de Filosofia Tardia, ou ainda como Filosofia Positiva; ou seja, nas obras do "velho" Nietzsche. Pode-se inferir, dessa forma, que nosso pensador teria uma bagagem filosófica e problemas filosóficos já outrora pensados, refletidos.

É na terceira fase do velho Nietzsche que o problema do ressentimento ganha força, principalmente em obras como "*Ecce Homo*", "*Genealogia da Moral*", "*Assim Falou Zaratustra*" e o "*Anticristo*". Um problema de cunho moral, psicológico, corpóreo e, como veremos mais adiante, também típico de uma filosofia da natureza. O ressentimento aparece de diversas formas em Nietzsche, até ganhando forma, como veremos desenvolvida neste texto, conforme indica Paschoal:

Como a ideia de ressentimento se encontra se encontra em vários de seus escritos até 1887, sem ser acompanhado, contudo, pelo uso do termo "ressentimento", algo que se altera significativamente após a obra *Para a genealogia da moral*, quando não apenas a ideia, mas também o termo ganha um lugar decisivo nos argumentos do filósofo, desempenhando diferentes papéis em suas construções argumentativas. (Paschoal, 2014 p. 26)

Entender essas outras formas como o ressentimento aparece na obra do nosso autor é importante, mesmo antes do uso do termo para termos um melhor

entendimento do que se propõe sobre tal problemática existencial. Isto é, nos ajuda no processo, pois são palavras próximas da palavra ressentimento.

Na segunda metade do século XIX, não existia na língua alemã uma palavra cunhada especialmente para expressar a ideia de ressentimento, que poderia ser traduzida de forma imprecisa, pela palavra "*Groll*" (em português "rancor") (...) que mantém certa proximidade com a noção de ressentimento, significando "guardar rancor". (Paschoal, 2014, p. 30)

Entender isso já é de grande ajuda para clarificar a ideia de ressentimento; afinal, o rancor está dentro do ressentimento. Esse sentimento estranho que incomoda, que dá a impressão de injustiça, de até mesmo ódio por alguma experiência vivida.

Duhring e Nietzsche, por exemplo, para expressar um modo peculiar de reviver certos sentimentos passados, utilizam o termo francês "*ressentiment*", que hoje, mesmo sendo um estrangeirismo, faz parte do léxico da língua alemã, suprindo aquela carência inicial. (Paschoal, 2014, p. 30)

Outro ponto importante a salientar então é que não é Nietzsche o primeiro a tratar do ressentimento, nem tampouco o único. Ele advém de problemas já levantados na filosofia francesa antes da filosofia alemã. "É com Montaigne, contudo, em seus 'Ensaaios', que o termo recebe uma conotação marcadamente negativa" (Paschoal, 2014, p. 31). Percebe-se então que Nietzsche não é o pensador decisivamente negativo que tem-se hoje sobre o tal sentimento, o que Paschoal resume muito bem quando diz:

Um problema fisiológico, falta de forças de um organismo cansado para reagir frente as intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins que produz, apresentando, ora pela fraqueza que gera tais sentimentos, ora pela presença deles, uma desordem psíquica que o impede de viver efetivamente o presente. (Paschoal, 2014, p. 33)

Aqui temos uma boa ideia do problema que é o ressentimento para o ressentido. Antes de mais nada, é um problema para além de sentimentos que se tem apenas na mente; é um problema também fisiológico, pois falta força, sobrando ideias de coisas que já foram. Ideias e falta de força que impedem este sujeito ressentido de viver aquilo que apresenta: a vida.

O conceito de moral em Nietzsche é bastante complexo e nos parece um dos elementos fundamentais da vasta filosofia do nosso pensador. Há, inclusive, autores que dizem que para Nietzsche toda a filosofia acaba sendo uma filosofia moral, como Aranha (1986):

Nietzsche procedeu a um deslocamento básico do problema do conhecimento alterando o papel da filosofia. Para ele, o conhecimento não é uma explicação da realidade, pois não passa de interpretação e atribuição de sentidos. Atribuir sentidos é, também, revestir de valores, ou seja, os sentidos são construídos em certas escalas de valores que se quer promover ou ocultar (Aranha, 1986, p. 142)

O método empregado por Nietzsche para analisar o problema da moral é o que chamamos de genealógico. Mais do que buscar uma origem sobre a moral é também realizar uma análise acerca do que foi historicamente construído sobre os valores morais. Pode-se dizer, então, que o método genealógico é um método sobre os valores morais, os quais, para ele, esbarram nos conceitos de bem e mal.

Notamos que no interior e no desenvolver da obra de Nietzsche se constrói uma crítica à moralidade, ao que convencionou-se chamar moralidade ocidental. Moralidade ocidental seria uma moral baseada na longa tradição platônica e até mesmo aristotélica que acabará sendo a base da moralidade cristã. A ideia de corpo e alma, sendo tudo o que é produto da alma é entendido como bom e tudo o que é produto do corpo como mau.

Pode-se dizer, então, que essa é a base da moralidade ocidental: um dualismo alma/corpo; bem/mal. É nesse dualismo que os valores morais foram forjados e que até hoje dizem respeito direito ao modo como vivemos nossas vidas. “A moral não seria uma vontade de negação da vida, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de ruína, de falência, de denegrimiento, um começo do fim? E, por conseguinte, o perigo dos perigos?” (Nietzsche, 2007, p. 30)

O problema percebido então é que esses valores, os valores morais, segundo ele, são uma forma de negação da vida. Um modo de negar os impulsos, a vontade, os apetites, as paixões, pois nega-se o corpo em detrimento da alma. Negar o corpo é negar a vida. Negar o corpo é negar o real e valorizar os ideais, os mundos possíveis, outras formas de vida. Negar o corpo é negar a história e valorizar um sentimento de autodestruição, o ressentimento.

Na visão nietzschiana sobre o ressentimento, para Nietzsche, o ressentimento é um sentimento negativo que surge quando um indivíduo se sente inferiorizado por outro, pelo mundo, e não é capaz de reagir de forma efetiva a essa

situação. Em vez disso, o indivíduo expressa sua raiva e frustração de forma indireta, através de atitudes de inveja e ressentimento.

O ressentimento tem uma origem histórica, tendo sido desenvolvido pelos fracos e subjugados que não tinham a força para resistir diretamente aos poderosos. Esses indivíduos criaram um sistema de valores que valoriza a humildade, a submissão e a piedade como forma de lidar com sua opressão. Reginster (2016, p. 3) exemplifica ressentimento como:

(...) uma situação genérica na qual dois indivíduos ou grupos de indivíduos competem pela posse de um bem cobiçado; um indivíduo ou grupo de indivíduos é demasiado fraco para conquistar o bem, enquanto o outro é forte o suficiente para obtê-lo. O ressentimento que essa situação desperta no grupo mais fraco é normalmente considerado uma espécie de vontade doentamente vingativa direcionada contra o rival mais forte.

Esses valores, segundo Nietzsche, foram internalizados pela cultura ocidental, tornando-se parte integrante da moralidade. Nietzsche argumenta que o ressentimento é prejudicial tanto para o indivíduo que o sente quanto para a sociedade como um todo. Ele sugere que o ressentimento é uma forma de negação da vida e da criatividade, pois impede o indivíduo de buscar sua própria felicidade e realização. Além disso, o ressentimento impede o desabrochar da vida, gerando uma atmosfera de inveja, culpa e sede de vingança, amargor.

Entendemos o ressentimento como um sentimento de frustração e impotência diante das circunstâncias da vida, que surge quando não conseguimos alcançar nossos desejos e objetivos. Veja, só há essa frustração e impotência porque, *a priori*, houve uma ideia falsa de liberdade e de que as coisas poderiam ser diferentes. O ressentido fica preso à ideia passada, ultrapassada do que poderia ter sido, das inúmeras possibilidades que poderiam ser diferentes, que só existem na cabeça do ressentido. Isso é o que entendemos como reflexo direto do mundo moderno ou da moralidade ocidental.

O ressentimento existe e age no sentido de negação da vida como ela é, ou seja, é até mesmo uma forma de niilismo existente tanto na moralidade quanto nas religiões predominantes na cultura ocidentalizada, como é o caso da judaico-cristã. O resultado disso é a promoção da culpa, o impedimento das pessoas de agirem de acordo com sua própria vontade e de experimentarem o mundo de forma completa. Isso cria uma

sensação de ressentimento em relação à própria vida e às pessoas que impedem a realização de desejos (Paschoal, 2016)

Como já foi exposto, Nietzsche defende que essa moralidade é uma forma de negação da vida, pois nega os impulsos que fazem do ser humano ser humano. Mas um ser humano enfraquecido, diminuído devido à moralidade que nos limita a ser abstrato. Em vez de nos submetermos aos valores impostos pela tradição e pela religião, devemos buscar nossos próprios valores e viver de acordo com nossa própria natureza, e a nossa verdadeira natureza em Nietzsche seria a animalidade (Paschoal, 2016)⁵.

5 O RESSENTIMENTO COMO FENÔMENO PSICOFISIOLÓGICO

Pode-se dizer que para compreender melhor a abordagem nietzschiana sobre o ressentimento, é necessário entender o que ele pensava sobre a psicologia. Em "*Ecce Homo*", ele dirá uma frase que pode ser interpretada até de forma um tanto quanto arrogante: "Que em meus escritos fale um psicólogo sem igual, é a primeira constatação a que chega um bom leitor"⁶.

Não estamos querendo dizer que Nietzsche é o primeiro a desenvolver uma análise sobre a psique humana. Isso seria desconsiderar por completo toda a história da filosofia ocidental. Também parece ser o caso que Nietzsche desconhecia toda a tradição filosófica que chegou até seu tempo. Contudo, podemos dizer que Nietzsche está tentando tirar a filosofia da metafísica, da filosofia primeira, e trazê-la para a história; tirar a filosofia do ideal e trazê-la para o real. Para isso, é necessária outra forma de entender, aquele que talvez seja o maior dos problemas da filosofia: o problema do corpo e da alma.

Para nosso pensador, corpo e alma são as mesmas coisas, isto é, o ser humano. Nietzsche é conhecido por ter desenvolvido uma abordagem no mínimo interessante à filosofia, na qual ele explorou questões relacionadas à psicologia humana. Uma das emoções que ele frequentemente explorava era o ressentimento psicofisiológico. Uma das citações mais conhecidas de Nietzsche sobre o ressentimento

⁵ Trataremos dessa ideia de natureza humana em Nietzsche nos capítulos de superação do ressentimento.

⁶ Nietzsche, *Ecce Homo*. Porque escrevo livros tão bons? §5

psicofisiológico pode ser encontrada em sua obra "Além do Bem e do Mal". Neste livro, afirma que é difícil acreditar que um homem esteja feliz ao sentir-se inferior. A verdadeira causa do ressentimento é o homem se sentir inferior. Se ele se sentisse igual, não haveria ressentimento (Nietzsche, 2011)

Nietzsche sugere que o ressentimento psicofisiológico surge quando um indivíduo se sente inferior diante do desabrochar do mundo. Ele acreditava que o ressentimento é uma emoção negativa que pode levar à raiva, amargura e vingança. O ressentimento pode ser encontrado em todas as camadas da sociedade, mas é especialmente prevalente entre os fracos e oprimidos. Ele acreditava que os fracos e oprimidos não podem agir de acordo com sua vontade porque são impedidos pelas pessoas mais fortes e poderosas. Como resultado, eles se sentem ressentidos em relação aos mais fortes e poderosos.

O contrário acontece na moral aristocrática; opera e cresce espontaneamente para se afirmar a si mesma com maior alegria; o seu conceito negativo "baixo", "vulgar", "mau", é somente um pálido contraste e muito tardio, se se comparar com seu conceito fundamental, positivo, impregnando de vida e de paixão "nós, os aristocratas, nós os bons, os formosos, os felizes." Quando o sistema aristocrático erra e peca contra a realidade, está numa esfera que desconhece e desdenha, a esfera da plebe (Nietzsche, 2011, p. 42).

O ressentimento é um conjunto de reações psicofisiológicas que envolvem tanto aspectos mentais quanto corporais. Em termos mentais, o ressentimento é caracterizado pela sensação de impotência e frustração, pela inveja e pelo desejo de vingança. Em termos corporais, o ressentimento se manifesta por meio de sintomas como a tensão muscular, a aceleração do ritmo cardíaco, a sudorese e a respiração ofegante.

O ressentimento corresponde a um problema fisiológico e psicológico, relacionado à falta de forças de um organismo cansado para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins que produz. Isso gera um rancor, uma vontade de ferir e produzir sofrimento naquele que não agiu do modo como o ressentido gostaria que fosse. Nietzsche estabelece tipologias afetivas que não se pautam em relações dualistas de forças, como se houvesse uma personalidade forte em si mesma ou fraca em si mesma.

Um tipo psicológico é considerado "forte" quando consegue prevalecer suas valorações ativas sobre as reativas e decadentes, circunstância que denota a

confluência das duas disposições vitais em seu organismo. Já a tipologia da “fraqueza” denota a predominância das valorações depressivas e/ou reativas sobre aquelas que são fortes, criativas, expansivas e assimiladoras, motivando assim o empobrecimento da capacidade interativa daquele que é afetado por tal disposição.

É importante esquecer eventos desagradáveis e realizar uma seleção do que é pertinente ou não de ser registrado na memória. Uma recordação adequada é considerada saudável quando favorece a ampliação da nossa força vital, de maneira que adquirimos então uma qualidade de ação mais intensificada e mais potente.

Leite (2014) argumenta que Nietzsche identifica no ressentimento uma força que paralisa e enfraquece o indivíduo, impedindo-o de agir de acordo com sua vontade e tornando-o dependente da aprovação dos outros. Essa dependência, por sua vez, gera uma série de emoções negativas como raiva, inveja e ressentimento. Para Nietzsche, a superação desse estado de fraqueza e dependência pode ser alcançada através da ética trágica, que consiste em uma atitude de coragem diante da vida e da aceitação do sofrimento como parte integrante da existência.

6 ENTRE O RESSENTIMENTO E A MÁ CONSCIÊNCIA, DOENTES DE CORPO E ALMA

Como foi exposto, o ressentimento não é um fenômeno que está apenas nos pensamentos ou na alma do sujeito ressentido. O ressentimento está nos pensamentos, mas também no corpo do ressentido. Ou seja, é um fenômeno psicofísico. Age no corpo e na mente no sentido de impedir a reação adequada diante daquilo que o ressentido imagina e sente como uma injustiça. Isso porque ele se sente fraco, impotente, diminuído... doente.

Por ser um problema que não tem efeitos apenas nos pensamentos daquele que pensa sobre as injustiças sofridas, ou julga ter sofrido, mas também no corpo, podemos dizer que estar doente é, em si, uma forma de ressentimento (Nietzsche, 2001, p. 26). Em outras palavras, o ressentimento é uma doença do pensamento, da mente e do corpo. Além disso, nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento (Nietzsche, 2001, p. 26). É um sentimento que se alastra e domina quem o sente.

Nietzsche considera o ressentimento como "o mais pernicioso de todos os estados possíveis para o doente" (KSA, XIII p. 618), pois enfraquece o homem que sente, fazendo-o se sentir diminuído, injustiçado, ofendido. Prende-o em uma perspectiva muitas vezes ilusória de si mesmo, uma visão distorcida do mundo e das coisas que o cercam, do qual faz parte, mas não se reconhece como tal.

Nietzsche (2011) utiliza o termo "ressentimento" para descrever a incapacidade de reagir acompanhada por uma fraqueza de assimilação. Ele acredita que isso é um problema psicofisiológico que resulta em uma desordem psíquica, impedindo a pessoa de viver efetivamente o presente. O ressentimento surge quando alguém percebe sua própria fraqueza e sente frustração por não conseguir agir como gostaria.

Isso gera um rancor e uma vontade de ferir aqueles que o trataram mal, mas a fraqueza física impede que a pessoa possa realizar a vingança desejada. Em *Ecce Homo*, Nietzsche discute que a doença também é uma forma de ressentimento.

A ausência de ressentimento, a clarividência sobre o ressentimento – quem sabe se, em última análise, por elas devo também ser grato à minha longa enfermidade? O problema não é simples: há que ter feito a experiência a partir de força e de fraqueza. Se algo em geral se deve objetar contra a doença, contra a fraqueza, é que nela o genuíno instituto da cura, isto é, o instinto de defesa e de combate, se enfraquece no homem. Não sabemos desembaraçar-nos de nada, não sabemos acabar seja com o que for, nada sabemos repelir – tudo nos fere. O homem e a coisa aproximam-se obstrusivamente, as vivências afetam-nos com demasiada profundidade, a recordação é uma ferida purulenta. Estar doente também é uma espécie de ressentimento (Nietzsche, 2000, p. 6)

Portanto, o termo "ressentimento" é usado por Nietzsche para descrever um problema fisiológico e psicológico que afeta a capacidade de uma pessoa de viver plenamente e lidar com as dificuldades da vida. É uma emoção que pode levar as pessoas a buscar vingança. Ele acredita que as pessoas ressentidas querem se vingar daqueles que as oprimem e as impedem de agir de acordo com sua vontade. No entanto, Nietzsche considera a vingança uma emoção negativa e não uma solução para o problema do ressentimento.

O ressentimento corresponde a um problema fisiológico e psicológico, relacionado à falta de forças de um organismo cansado para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins que produz. Isso gera

um rancor, uma vontade de ferir e produzir sofrimento naquele que o destratou. Nietzsche estabelece tipologias afetivas que não se pautam em relações dualistas de forças, como se houvesse uma personalidade forte em si mesma ou fraca em si mesma.

Um tipo psicológico é considerado “forte” quando consegue prevalecer as suas valorações ativas sobre as reativas e decadentes, circunstância que denota a confluência das duas disposições vitais no seu organismo. Já a tipologia da “fraqueza” denota a predominância das valorações depressivas e/ou reativas sobre aquelas que são fortes, criativas, expansivas e assimiladoras, motivando assim o empobrecimento da capacidade interativa daquele que é afetado por tal disposição.

É importante esquecer eventos desagradáveis e realizar uma seleção do que é pertinente ou não de ser registrado na memória. Uma recordação adequada é considerada saudável quando favorece a ampliação da nossa força vital, de maneira que adquirimos então uma qualidade de ação mais intensificada e mais potente. No caso dos escravos, as lembranças reduzem suas potências.

O ressentido então vê o mundo, o desabrochar do mundo, como algo que ocorreu para lhe prejudicar, para lhe fazer mal, para lhe causar dores. Como se o desabrochar, ou o devir do mundo tivesse algum dever com as ideias pré-concebidas que estão na cabeça, na mente do ressentido.

Esse sentimento que volta de novo leva a essa má interpretação do mundo, dos afetos, dos sentimentos, da natureza, da vida. Leva ao que nosso autor chama de má consciência. “Má consciência” porque o ressentido se coloca tanto como principal agente do mundo que pensa que o desabrochar desse tem alguma relação direta com ele. E não, não tem. Sobre a diferença conceitual do termo má consciência e ressentimento, pode-se observar a partir da leitura de Paschoal: interpretação religiosa desse tipo de sofrimento, que é o caso da “má consciência”.

Quanto ao ressentimento, diz respeito ao sofrimento do homem no geral (Paschoal, 2014, p. 171). Seja como for, ambos dizem respeito ao sofrimento do homem (Paschoal, p. 170, 2014). E é importante ressaltar, existem outras várias formas de sofrimento no mundo. Má consciência e ressentimento são apenas algumas delas.

Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical mudança que sobreveio quando se

viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz” (Nietzsche, § 16, 1998)

A “má consciência” é, para o nosso pensador, um fenômeno advindo da condição humana de viver em sociedade conforme ela se apresenta. Dá para dizer, então, que no entender do nosso pensador, a civilização, ou melhor, o fenômeno civilizatório, causou sujeitos de má consciência.

De modo mais explícito, o que Nietzsche está querendo dizer é que a história da humanidade não representa um incontestável movimento rumo ao progresso, ao melhor e ao mais saudável. Isto fica claro na intensidade do riso e do escárnio de Nietzsche frente ao homem considerado bom, da moral tradicional. Mas por que exatamente ele considerava o homem de sua época uma caricatura? Para entendermos melhor esse problema, precisamos antes de mais nada, apresentar o “terrível” momento experimentado pelo animal humano, na passagem da natureza à cultura. (Medeiros, 2018, p. 61)

Temos nessa passagem algo bastante importante e que faz de Nietzsche um pensador interessante para pensar o presente. Nietzsche já sabia que o homem de seu tempo precisava ser superado. Que o homem de seu tempo, isto da segunda metade do século XIX, já se mostrava um sujeito que deu errado. Logo, ele olha com desconfiança para uma tradição que coloca o homem ou a história rumo ao progresso. Porém, para Pascoal, o conceito de má consciência tem diferentes acepções nas obras de Nietzsche, como destacou:

Em *Zaratustra*, a palavra “má consciência” indica uma indisposição interior e uma vergonha por uma ação realizada. (...) em *Além do bem e do mal*, o termo, que aparece pouco, designa um remorso, em função dos valores que foram introjetados no homem (...) ora a figura do filósofo como “a consciência de se tempo. (Paschoal, 2014, p. 159)

Então, de acordo com aquele que talvez seja o maior filósofo especialista em ressentimento no Brasil⁷, o termo “má consciência” é encontrado de formas diferentes ao longo das obras de Nietzsche. Na obra artística, onde existe o além homem nietzschiano, *Zaratustra*, a má consciência age internamente como vergonha. Já na obra *Para além do bem e do mal* está mais para um remorso daquele que sabe existe uma moral, e transgrede essa moral, advindo assim um sentimento negativo por saber que agiu como agiu.

⁷ Falamos disso com base nessa palestra muito importante para o nosso entendimento sobre o problema psicofisiológico do ressentimento. Referência: <https://www.youtube.com/watch?v=COTwH8Egubk&t=2079s>

Notamos que a “má consciência” tem relação direta um sentimento interior de vergonha por realizar atos considerados indignos frente à moral, até mesmo com um sentimento interno de remorso, de constrangimento por aqueles que têm consciência de que a moral existe.

A expressão má consciência ganha uma conotação mais acentuada no sentido de um conflito interior estabelecido a partir de certos preceitos e propósitos, um conflito que se manifestaria na forma de um remorso quando esses preceitos estão em desacordo com a ação realizada (Paschoal, 2014, p. 157)

Porém, para Paschoal, uma das diferenças possíveis entre as formas de sofrimento do homem, isto é, o ressentimento e a má consciência, é que a “má consciência” está relacionada com um sentimento advindo da culpa induzida pela moral cristã:

No mais, essa concepção aparece especialmente na crítica do filósofo a moral cristã, sendo, então, a má consciência apontada como um produto do cristianismo, que associou por exemplo, àquela luta contra a sensualidade até mesmo o perigo de uma danação eterna e produziu, durante sua história, inúmeros filhos de má consciência. (Paschoal, 2014, p. 157)

Portanto, segundo Paschoal, por a má consciência ser produto da moralidade cristã, ela vai agir no sentido da sensualidade: isto é, vergonha do erotismo, do prazer, e em última instância vergonha do próprio corpo. Porém, no nosso entendimento, a má consciência extrapola o campo da religiosidade. Concordamos que começa por ela, mas está para além disso, conforme esta passagem:

“Má-consciência” teria surgido e, ao mesmo tempo, conseguido gradativamente fixar suas raízes em todo o vasto território da civilização. Ao sugerir a “má-consciência” como uma doença contraída no momento da “inserção do social no humano”, o filósofo dará um importante passo para colocar em prática seu projeto de enfrentamento das três figuras fundamentais que representam o niilismo, isto é, o ressentimento, a má-consciência e o ideal ascético (Medeiros, 2018, p. 61)

E aqui vemos a má consciência em um conceito maior, com o qual estamos de acordo. A má consciência é um fenômeno típico da civilização; um marco civilizatório. Em outras palavras, um marco doentio da civilização. Doentio é produto do niilismo, que aponta para o nada.

A má-consciência, entendida como sentimento de culpa, seria algo inerente a todo o processo histórico e de que sempre houve a ideia de um sujeito detentor de uma livre vontade, Nietzsche terminou criando novas possibilidades para que diferentes perspectivas pudessem ser geradas no

improdutivo campo da moral. Dito de outro modo, a abordagem genealógica de Nietzsche provocará inevitavelmente rachaduras e movimentos que permitirão o aparecimento de novas configurações e produção de sentidos capazes de se desenvolverem para além do bem e do mal. (Medeiros, 2018, p. 61)

O ressentido então se sente injustiçado e paralisado. Deixa que seus pensamentos e sentimentos negativos tomem conta de si. De seu corpo. De sua mente. De sua vida. Ou seja, a doença do ressentimento tomou conta desse sujeito que agora é mau consciente do mundo. Mas é importante lembrar que, se este se sente assim, ele está impedindo de ver o mundo como ele é. O mundo não pensa em desabrochar. A natureza não pede licença para ser o que é. Somente é. Reagir contra isso pois tem em si ideia que as coisas poderiam ser diferentes, é aponto para o nada... ou para si.

7 O RESSENTIMENTO CONTRA A VIDA

Sabemos o ressentido é um sujeito que sofre. Sua dor vem de aceitar a moral, vem de viver numa cultura ocidentalizada, vem dos ideais e ideias que este criou por última instância estar inserido na cultura que valoriza outras formas de vida, quiçá uma outra vida fora da terra, do real, da vida como ela é. Sua dor é grande. Se sente pequeno frente a tantas adversidades que ele pensa ser contra ele, mas que é o devir da vida.

Esse sujeito, porém, se rebela contra a vida por ser ressentido. Seus pensamentos, seus atos, sua intenção de rebeldia, porém, não surtem efeito, pois a vida é muito mais forte do que qualquer sujeito que seja.

E como nada mais ele se consome do que com os afetos de ressentimento. O despeito, a susceptibilidade mórbida, a impotência para a retaliação, a inveja, a sede de vingança, o que há de venenoso em cada sentido – eis decerto, para o esgotado, o modo mais desvantajoso de reagir: condiciona-se assim um rápido desgaste de energia nervosa, uma intensificação doentia de secreções nocivas, por exemplo, a bÍlis no estômago. O ressentimento é em si o que está proibido aos doentes – o seu mal: infelizmente, é também sua tendência mais natural (Nietzsche, 2000, p. 26).

Esse ressentimento em relação à vida pode resultar em Vontade de Nada. A Vontade de Nada é uma condição psicológica que se manifesta como uma sensação de desesperança e falta de perspectiva em relação ao futuro. Esta condição pode estar

relacionada ao ressentimento, que é uma emoção que surge da sensação de impotência e frustração diante das limitações e obstáculos da vida.

Os indivíduos que se sentem oprimidos e incapazes de agir de acordo com sua vontade podem desenvolver uma visão pessimista e desesperançada em relação ao futuro, como uma forma de defesa diante da dor causada pelo ressentimento, uma forma de se proteger do sofrimento emocional.

Nietzsche (2000) argumenta que nem mesmo a moral é algo absoluto, pois tanto a verdade quanto a moral são criações interiores a um mundo fenomênico que é intrinsecamente enigmático. A partir dessa premissa, Nietzsche propõe o primeiro passo para não cair no niilismo. Ele afirma que, se a vida não pode ser medida pela moral, porque a moral é uma criação humana e não um conjunto absoluto de valores, então não se pode afirmar que a vida é ruim ou má por não obedecer a critérios morais que humanos criaram.

Nietzsche (2000) ainda nega a ideia de que a moral é uma medida absoluta da vida. Ele argumenta que toda e qualquer posição naturalista na moral, ou seja, toda e qualquer moral saudável, é dominada por um instinto de vida. Para o filósofo, a moralidade deve ser vista como uma ferramenta para a sobrevivência e o florescimento da vida, e não como uma medida absoluta da conduta humana.

O ressentimento é surge quando a crueldade não pode ser descarregada para fora e é introjetada para dentro, produzindo sofrimento. Esse sentimento é transformado em culpa e dá possibilidade para a satisfação metafísica do homem através do ideal ascético, que lhe dá sentido e faz com que o sofrimento presente tenha um sentido.

O cristianismo, por exemplo, faz o sofrimento ter um sentido na vida, ao passo que Nietzsche defende que a moralidade é uma invenção e, portanto, não pode servir de fundamento para se concluir se a vida vale ou não a pena. A moral, o bom, é aquilo que corresponde à vida, que dá vazão para a vontade de potência, que é o eterno criar do mundo.

A vida é, para Nietzsche (2000), um instinto para o crescimento, para adoração, para a acumulação de forças, para mais poder. Onde falta a vontade de

potência, há declínio ou decadência. No entanto, segundo o filósofo, falta a todos os valores mais elevados da humanidade a vontade de poder, e os valores decadentes e niilistas são dominantes, ainda que sob os nomes mais sagrados.

Assim, a Vontade de Nada é a última vontade do homem, que aponta para o nada, para o ideal ascético, para a realização de si por meio da negação da vida. É uma resolução de um problema fisiológico, parte da decadência do homem e o niilismo. A vontade de nada é investir na negação, não na afirmação, sendo o inverso da moral natural de Nietzsche e da vida.

Portanto, a associação que Nietzsche faz entre ressentimento e religião é que o ressentimento é transformado em culpa e dá possibilidade para a satisfação metafísica do homem através do ideal ascético, que lhe dá sentido e faz com que o sofrimento presente tenha um sentido, como acontece no cristianismo. No entanto, segundo Nietzsche, a moralidade é uma invenção e não pode servir de fundamento para se concluir se a vida vale ou não a pena, sendo que a vontade de nada é investir na negação, não na afirmação.

8 O RESSENTIMENTO CONTRA O MUNDO OU O RESSENTIMENTO CONTRA SI MESMO? O PROBLEMA DA SEDE DE VINGANÇA

Um ponto que merece destaque na análise sobre o problema da pequenez da vida causada pelo homem ressentido é que este sofre, e seu sofrimento para ele é importante. Tão grande é sua dor que ele quer se vingar da dor que sofre. Doravante, sua dor é um fenômeno psicológico seu, causado por ideias, ideais, metafísicas, criadas por si próprio. O ressentido acha que a culpa de sua dor está no mundo. O ressentido acha que o desabrochar do mundo é a causa de sua dor. O ressentido tem sede de vingança. Porém do que, ou melhor dizendo, de quem ele quer se vingar?

Um fenômeno do campo da psicologia, ocasionado por uma fraqueza fisiológica que se traduz na inibição da descarga dos afetos para fora e também na incapacidade de assimilação, de digestão pelo organismo daqueles afetos e dos sentimentos ruins produzidos por eles, que são lançados para o interior do homem (Paschoal, 2014 p. 175- 176)

Sendo o ressentimento então um sentimento que está apenas dentro do homem que sofre, surge um problema no mínimo interessante de ser notado. Uma das principais características do homem ressentido é a sede de vingança, mas veja, esse

sentimento está apenas dentro do homem ressentido. Logo, quando está busca se vingar, ele estará buscando vingar-se de si próprio. Então, é no mínimo um duplo sofrimento. Pois este sofre por algo cuja causa são seus próprios ideais de mundo. E ao buscar vingança por se frustrar, estará buscando vingar-se de si.

O sofrimento seria uma decorrência das ações condenáveis praticadas pelo próprio sofredor, o que torna, assim, ele mesmo o grande culpado de seu sofrimento. Desse modo, a sede de vingança que se dirigiria para algum sujeito externo que seria o suposto causador do sofrimento, é redirecionada para o próprio homem que sofre. (Paschoal, 2014, p. 180)

Veja que, para o nosso filósofo, ser ressentido é de tamanho sofrimento que, ao buscar vingar-se por sentir, estará apontando suas armas para si próprio. Poderíamos inclusive, nesse momento, falar que ressentimento é *ressofrimento*⁸, pois se sofre também de novo e de novo.

Um envenenamento que ocorre quando esses sentimentos não podem ser descarregados para fora e se voltam para o interior do homem, num curioso tipo de resposta que com o estímulo externo não seja sentido, mas *ressentido*, mesmo quando ele já não existe mais, ao menos externamente, pois internamente (no subterrâneo) permanece produzindo seus efeitos. (Paschoal, 2014, p. 33)

É beber do próprio veneno. Esse parece ser um dos grandes problemas causados pelo ressentimento no interior do homem ressentido. Porém, esse veneno, diferentemente do da cobra, não vira remédio, não vira anestésico. Mas se converte em mais dor para si próprio. Sofre por criar mundos. Sofre por tentar se vingar sobre sua própria criação. Receita para adoecimento, apequenamento.

Ou melhor dizendo, esse veneno de si não vira remédio quando está voltado para si, quando se tem sede de vingança e nada mais. A anestesia contra a dor do ressentido pode existir. E para nós, esse é o ponto alto do problema do ressentimento. Ou seja, tudo o que foi falado aqui é para chegarmos a esse ponto e dizer: a vida pode ser outra. Ou melhor, a vida pode ser o que se é. Parece ser possível o ser humano superar a si mesmo. E o mais interessante é que parece haver várias e várias formas de superação da dor do ressentido. E dizemos mais, há várias formas de superar a própria vida.

⁸ Palavra inventada, com a licença poética que não tenho, por mim mesmo. Em última, ressofrimento é um sofrer de novo, sofrer duas vezes, sofrimento como causa do ressentimento.

9 SUPERAR O RESENTIMENTO É POSSIVEL?

Levando em conta o que foi exposto sobre o ressentimento enquanto fenômeno psicofisiológico, e lembrando que este é causa de adoecimento dos corpos e causa de sofrimento, nos atentaremos para investigar o que foi proposto por Nietzsche e também por comentadores como possibilidade de superação do ressentimento. Isto é, o ressentimento adocece, mas é possível superá-lo?

Superar o ressentimento. Superar a vida como ela está, não como ela é. Superar a humanidade como ela se apresenta, desde os tempos do nosso pensador, até a atualidade. Isso parece ser a máxima do vitalismo nietzschiano. Como já expomos aqui, Nietzsche desenvolve uma filosofia da vida. Uma filosofia para a vida. Uma filosofia com a vida.

Norteia esta interpretação do pensamento de Nietzsche, portanto, a ideia de que o filósofo interessa apontar modos de se colocar diante da vida em toda a sua complexidade, sem que, para isso, seja necessário negar algum de seus multifacetados aspectos ou buscar meios para minimizar a tensão que é própria à existência. (Paschoal, 2014, p. 28)

O filósofo então é o sujeito que pensa sobre a vida, que busca entender a vida e, além disso, busca outras formas de viver a vida, para além do modo como a moral ocidentalizada nos leva a vivê-la. Porém, esse pensar sobre a vida não esbarra no nada, ou em metafísicas. Ora, estamos lidando com um filósofo que tirou a filosofia da metafísica e a trouxe para a vida⁹. Trouxe-a para o real e que coloca a possibilidade de enfrentar ou aceitar esse real. Todavia, é importante ressaltar, e nisso temos acordo com o professor Antônio Edmilson Paschoal, do nosso lado:

Nietzsche não pretende sanar o problema, [do ressentimento] no sentido de extirpar o sofrimento do homem, visto que, para ele, o sofrimento é inerente à vida e ao processo civilizatório, além de se configurar como um fenômeno capaz de abrir novas possibilidades para o homem.” (Paschoal, 2014, p. 28)

Percebemos, então que, por mais que o ressentimento seja causa de grande sofrimento para o ser humano, não há como dizer que é a única causa de sofrimento, uma vez que, para o filósofo, sofrer é parte da vida. E a vida não se resume ao ressentimento. O ponto que pretendemos deixar claro é que há como evitar sofrimentos. E

⁹ Sabemos muito bem que Nietzsche não foi o único a empreender tal fato. Poderíamos falar de uma tradição materialista, que existe desde Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Epicuro (só para falar de filósofos da antiguidade). Porém, como estamos falando de Nietzsche, ele é quem terá destaque.

o ressentimento é um sentimento possível de ser evitado. "Tudo o que existe é justo e injusto e, nos dois casos, igualmente justificável. Este é teu mundo. Isso me chama mundo" (Nietzsche, p. 114, 2007). Ou seja, o mundo é esse mesmo, assim como ele se apresenta. Somos mais fortes que o mundo?

Poderíamos ir mais além, e até mesmo argumentar, que se sofrer é inerente à vida, aceitar o sofrimento é uma forma de sofrer menos. Afinal, lutar contra algo inerente à vida é lutar contra a própria vida. E nossa argumentação acerca do ressentimento sempre girou em torno de mostrar que não aceitar a vida como ela é uma das causas, talvez a maior, de existirem homens ressentidos. Homens que sofrem por criar mundos não reais. Por colocarem suas potências de existir na luta daquilo que são incapazes de vencer.

9.1 O CUIDADO DE SI E O ALÉM HOMEM, UMA IDEIA DE NATURALISMO

Podemos dizer que uma das tantas possibilidades diante da vida é aceitá-la, tal qual ela é. Sem negar qualquer aspecto que seja. Aceitar a vida como ela se apresenta, esse é um desafio e o legado de uma das possibilidades de superar o ressentimento. Um naturalismo. Um entender-se enquanto parte da natureza. Da força criadora da vida e que ao mesmo tempo é a própria vida. Naturalismo também por reconhecer a pequenez da humanidade frente à grandiosidade da vida. E ao mesmo tempo como a humanidade é parte da vida, ela está presente, mesmo que de forma pequena, na grandiosidade do eterno devir do mundo e das coisas do mundo.

Nietzsche entende que o filósofo só conseguirá assumir a tarefa de trilhar sobre as regiões da contradição, do erro, da mentira, do engano e da ficção, sem ficar enjoado ou apresentar qualquer espécie de agonia frente ao devir, quando ele apresentar a disposição necessária para incorporar essa sabedoria, proveniente de uma *gaia ciência*. (Medeiros, 2018, p. 11)

Nisso surge o que muitos autores chamam de *a utopia do homem elevado*¹⁰. Aquele que aceita a vida em todas as suas nuances. Aquele que sabe viver e também sofrer, mas que não é apenas isso. Além disso, se sofre, não é porque a vida ou o mundo querem que seja assim. A vida é vontade de potência. Ou seja, a vida é força de mudança e é maior que o homem. A vida também se apresenta em Nietzsche como fenômeno estético:

Pois, é somente como fenômeno estético que podem ser justificados

¹⁰ Embora não acreditemos que utopia seja uma palavra adequada, por levar a pensar como gostaríamos que as coisas fossem. E no caso de Nietzsche no nosso entendimento é muito uma aceitação da vida como ela é. E ela é vontade de potência.

eternamente a existência e o mundo; -enquanto que na realidade temos quase tão pouca consciência dessa função que não é muito mais do que a dos guerreiros pintados numa tela possam ter da batalha que nela está representada. (Nietzsche, 2007, p. 79)

O homem então deveria se colocar, se entender enquanto parte da vida, parte da natureza, e aceitá-la parece ser uma postura no mínimo inteligente. Além de inteligente, uma postura de cuidado de si. Conforme fala nosso comentador, "como é o caso da utopia de um tipo elevado de homem, além de formas de higiene e de etiqueta que podem ser úteis na luta contra o ressentimento" (PASCOAL, p. 26). Sobre o homem, o artista, o filósofo, Nietzsche diz:

É somente no ato de criação artística e na medida em que se identifica com esse artista primordial do mundo que o gênio sabe algo da eterna essência da arte; pois, nesse estado, é então, por milagre, semelhante a perturbadora figura da fábula, que tem a faculdade de voltar seus olhos para dentro e se contemplar a si mesma; ele é agora, de uma só vez, sujeito e objeto, de uma só vez poeta, ator e espectador (Nietzsche, 2007, p. 80).

Uma das formas então de superar a vida ressentida como se está, a vida metafísica, é se colocar como parte da vida. Ser parte da vida é ser parte arte. Do todo. Tornar-se também sujeito e objeto da própria vida e da arte. "O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a potência estética da natureza inteira" (Nietzsche, 2007, p. 51).

Percebemos que surge na psicofisiologia nietzschiana uma concepção de cuidado de si. Esse cuidado de si aparece como higiene corporal, cuidado como vida artística. Para deixar claro, para superar o problema do ressentimento, Nietzsche aponta para cuidados com o corpo. Cuidar do corpo é cuidar de sentimentos que adoecem o ser humano. Superar um sentimento que surge de novo é necessário saúde corpórea, pois, conforme já argumentamos, na filosofia nietzschiana não há separação entre corpo e mente. Ele entende ambos como a mesma coisa.

O interessante da abordagem nietzschiana sobre este sofrimento do homem é que este, que parece ser de natureza mental, e sua superação viria também a partir de cuidar, antes de mais do corpo de quem sofre. Para nosso filósofo, uma psicologia, enquanto cuidado apenas da mente, não faria sentido. Para nosso filósofo, o que faz sentido é psicofisiologia. Ou seja, cuidar da mente e do corpo. Mas lembrando que para nosso filósofo mente é corpo. Corpo é mente.

Das higiênes do corpo, uma delas poderia ser o riso. E aqui além de tudo

também encontramos um Nietzsche até mesmo diferente do imaginário que se tem do filósofo. Um sujeito que ri. Ri, pois encara a vida como ela é. Ri pois sabe que é pequeno e ao mesmo tempo faz tempo da grandeza do mundo, da vida, natureza. Ri e nesse aspecto até se aproxima do poeta:

Felicidade?
 Disse o mais tolo: "Felicidade não existe."
 O intelectual: "Não no sentido lato."
 O empresário: "Desde que haja lucro."
 O operário: "Sem emprego, nem pensar!"
 O cientista: "Ainda será descoberta."
 O místico: "Está escrito nas estrelas."
 O político: "Poder"
 A igreja: "Sem tristeza? Impossível.... (Amém)"
 O poeta riu de todos,
 E por alguns minutos...
 Foi feliz!¹¹

Sim, estamos aproximando a poesia e as artes da filosofia. Sabemos que muitos não iriam gostar. Sabemos que muitos inclusive falam, *Nietzsche é no máximo um poeta*¹², como forma de atacar ao pensador. Cremos que Nietzsche riria disso tudo. Como uma bom poeta. Ou como um bom filósofo.

9.2 A SUPERAÇÃO NO RISO E NA CRIANÇA

Uma outra forma de se colocar na vida seria então no riso. Pensando no riso e no ressentimento, poderia-se supor que estaríamos falando de um riso trágico, e afirmamos que é justamente na tragédia onde existe também um riso. Interessante notar que Nietzsche trata da tragédia em sua belíssima obra inicial, "*O Nascimento da Tragédia*", onde ele trabalha a arte, mais especificamente a arte trágica entre os gregos. E dirá: "É possível que então, sabendo rir, mandem ao diabo todas as 'consolações

¹¹ Poesia a música de Fernando Anitelli, vocalista e compositor da trupe de musica, arte, dança e teatro *O teatro mágico*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7dS5BUok4c>

¹² Falo isso talvez como uma lembrança, pode ser que alguém diga que é uma lembrança falsa, de uma aula na universidade onde disse que estava estudando Nietzsche, e um professor disse: "ué, mas não vai estudar filosofia não?" Rimos, e valeu a pena aquela manhã de sábado.

metafísicas’ – e para começar, a própria metafísica!” (Nietzsche, 20067 p. 35). Riso, contra o ressentimento. Riso contra aquilo que leva ao ressentimento, a metafísica.

Zaratustra, o personagem naturalista da filosofia Nietzscheana, adverte, de forma poética (como só poderia ser), para dizer aquilo que diz respeito à vida e àqueles que o escutam: “Levantem seus corações, meus irmãos, alto, mais alto! E não esqueçam suas pernas! Levantem também suas pernas, bons dançarinos, e melhor ainda: firmem também suas cabeças” (NIETZSCHE, p. 35, 2007). Dançar, sorrir, enfeitar, alegrar a vida contra a metafísica.

Zaratustra o bailarino, Zaratustra o leve, aquele que agita suas asas, prontos para voar, acenando a todos os pássaros, pronto e ágil, divinamente leve: Zaratustra o divino, Zaratustra, o verdadeiramente risonho, nem impaciente, nem intolerante, alguém que gosta dos saltos e dos pulos. (NIETZSCHE, p. 35, 2007)

Adverte, nosso personagem que para estar alto, além, é necessário não esquecer das pernas, da cabeça... Do corpo. Além do mais, para estar no fluxo do devir da vida, é necessário não esquecer dos pássaros, da natureza, do riso. O sujeito humano de Nietzsche é aquele que gosta de saltos e pulos. Saltos e pulos é o devir da vida.

Veja, que estamos tratando de um livro do *Jovem Nietzsche*, em um tema do velho, ou *Último Nietzsche*, algo interessante para que talvez a filosofia seja isso mesmo, uma mistura de várias coisas – ou melhor dizendo, uma mistura de várias problemáticas. E, como estamos falando do filósofo dos aforismos fortes e marcantes, que tratam de várias coisas distintas em seus mais diversos aforismos, não seria estranho supor que algo assim acontecesse.

Dito isso, sabemos que no *‘Nascimento da Tragédia’*, para além de analisar a arte grega, Nietzsche inicia ali algo que nos é muito interessante. A vida como obra de arte. Ou viver a vida como se essa fosse uma obra de arte. Interessante notar que o próprio Nietzsche dirá no *"Nascimento da Tragédia"*: “É contra a moral que neste livro meu instinto se reconheceu como defensor da vida e que se criou uma doutrina e uma teoria da vida absolutamente contrárias, uma concepção puramente artística” (Nietzsche, 2007 p. 30).

Para defender a vida, além de se colocar contra a moral, ainda percebemos uma proposta de vida artística, contrapondo os espíritos Apolíneo e Dionisíaco. Apolo, como deus das formas, da música, da simetria, da racionalidade, e seu

oposto Dionísio, como deus do vinho, da bebedeira, da irracionalidade... De tudo o que diverge Apolo. Porém, como opostos complementares. Nas palavras do nosso pensador:

“Apolo, como deus de todas as faculdades criadoras de formas é ao mesmo tempo o deus adivinho. Ele que, segundo sua origem, é o “resplandescente”, a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo inferior da imaginação. A verdade superior, a perfeição desses estados em contrastes com a realidade cotidiana lacunamente inteligível. (Nietzsche, 2007, p. 48)

O espírito Apolíneo é então o espírito das formas, da beleza. Um espírito necessário para a humanidade, mas não suficiente. Uma forma estética, mas não a única, pois para que este exista e faça sentido, no sentido artístico, é necessário que seu oposto complementar também exista.

A essência do dionisíaco, que melhor ainda compreendemos pela analogia da embriaguez. Que seja pelo poder da bebida narcótica, da qual todos os homens e todos os povos primitivos falam em seus hinos, ou pela força despótica da renovação primaveril que penetra alegremente toda a natureza, essas exaltações dionisíacas se despertam, arrastando em seu ímpeto o indivíduo até aquiná-lo num completo esquecimento de si mesmo. (Nietzsche, 2007, p. 49)

O espírito dionisíaco surge então, como força pulsante, quando o mundo das formas perfeitas não faz mais sentido. Nem lógico, tampouco artístico. Pulsação necessária da vida. Pulsação, força, vitalismo. Força que fala na embriaguez, seja da bebida, seja no estado de espírito que o sujeito sente ao dançar, cantar, vibrar. Força também de destruição. Do feio, sujo. Mas que existe na vida. Por isso não pode ser apagado.

O êxtase do estado dionisíaco, abolindo as barreiras e os limites comuns da existência, contém com efeito um momento letárgico, em que se esvai toda lembrança pessoal do passado. Entre o mundo da realidade dionisíaca e o mundo da realidade diária se cava esse abismo do esquecimento que os separa um do outro. (Nietzsche, 2007, p. 92)

É nesse estado de espírito que existe algo interessante para superar esse sentimento de amargura com o mundo, o esquecimento. Quando a vida embriaga o homem, este esquece de um passado que já não mais existe, a não ser em si mesmo. Este, quando se sente tomado pela vida, não por ideias e metafísicas, aproveita o devir, o eterno desabrochar, forte, potente que é a vida.

Para os gregos, segundo nosso pensador, a arte e a vida eram isso. Um não negava o outro. Uma junção das formas opostas complementares. Um princípio de

aceitação da vida como ela é. Vida e arte se unem. Vida, arte e filosofia se unem. Beleza e tragédia. Aqui, outra máxima nietzschiana aparece: “Para informação dessas pessoas sérias, declaro que, de acordo com minha antiga e profunda convicção, a arte é a tarefa mais elevada e a atividade essencialmente metafísica desta vida” (Nietzsche, 2007, p. 40).

O que teria de mais belo diante da tragédia que é a vida, rir? O que tem de mais gostoso assistir a uma peça teatral e rir? O que teria de mais sublime viver a vida e rir, mesmo que seja um riso trágico? Aliás, parece que quando se consegue rir do trágico, o riso de qualquer outra forma artística que for, fica mais fácil.

O riso do filósofo trágico é um riso de quem descobre subitamente que a vida é sem fundo e que viver é estar sempre mergulhado em queda livre e em mar aberto. O riso trágico surge quando o homem percebe que nesse vertiginoso salto no nada, o mais terrível não é a sensação e o medo de se espatifar no chão da vida, mas o dar-se conta que na verdade, não existe nenhum chão, nem nunca existiu. (Medeiros, 2018, p. 11)

A grande questão do poder do riso de si e do riso das angústias de si é o entendimento que se tem, independente do que quer que seja, a vida vai continuar sendo a vontade de potência que é. Isso independente de nós e, por estarmos na vida, somos partes desse devir, dessa potência atualizadora da vida. Também temos consciência de que o riso trágico não é fácil. Mas ele é possível...

Neste sentido, podemos dizer que o riso trágico não é um presente dos deuses ou da natureza, mas uma conquista do homem que dispõe de coragem e ousadia para fazer da sua vida um movimento de constante autossuperação. Esse riso é resultado de uma longa e difícil travessia pelo deserto da existência (Medeiros, 2018, p. 12)

Pensamos também que a criança enquanto ser do mundo carrega em si um espírito livre, desbravador, curioso, coisa que com o desenrolar da vida acabamos por perder. E perdemos porque aprendemos e ensinamos a moral. Aprendemos e ensinamos que rir alto demais incomoda; que falar alto demais é falta de respeito. Aprendemos e ensinamos que chorar em público deve ser evitado, pois isso deve ser reservado para um outro espaço, o privado.

Cantando e dançando, o homem se manifesta como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a caminhar e falar a ponto de dançar, voar pelos ares. Seus gestos revelam uma encantadora beatitude. (Nietzsche, 2007, p. 51)

Aqueles que dançam e cantam falam mais do que os que estão preocupados em apenas falar. Estes sujeitos que dançam e cantam antes de andar e falar são as crianças. São sujeitos estéticos que ensinamos a não serem mais. Arte aqui é a potência da vida de quem vive a vida.

Inventamos em nossas mentes, por meio da cultura e da moral, ou sequer da civilização, e ensinamos e aprendemos que o choro em excesso quando se quer algo, por mais que o corpo esteja falando isso, é um inconveniente para o bem-estar social. Ensinamos e aprendemos por meio da cultura e da moral a nos apequenar. Apequenar nossos instintos. Nossos desejos... em nome da moral e dos bons costumes. E o escritor de Zaratustra sabia disso quando escreveu que chegou em sociedade de pessoas pequenas, ou melhor dizendo, anões.

Zaratustra enfrenta seu maior adversário, o espírito de peso que se materializa na forma de um anão, simbolizando a diminuição do ser humano a partir de valores por ele representados. Amortecidos, estes não lhe creem e nem ouvem, pois sonham com as promessas de certeza do “além-mundo”. Eles não querem escutar Zaratustra pois estão mediocrizados e presos à moralidade, então este percebe que possui uma missão maior do que falar com “cadáveres”, “plantas” e “fantasmas”, por isso deve ser mais criterioso. A partir de então, passa a se manifestar, apenas, aos seus discípulos e animais. (Moscarrelli, 2019, p.112)

Na alegórica e artística obra Zaratustra, o personagem se encontra diante de homens apequenados. Apequenados pela cultura, pela moral, pelas ideias de bem e mal. Apequenados pois acreditam numa outra vida possível, melhor do que a que se apresenta. Estes tapam os olhos e ouvidos para ouvir a realidade como ela é, dificultando o trabalho daquele que fala, *Zaratustra*.

E, em verdade! Também muita coisa própria é difícil de carregar! E muito do interior do homem é como a ostra, ou seja, repugnante, escorregadio e difícil de agarrar -, - de maneira que uma casca nobre, com nobres adornos, precisa interceder a seu favor. Mas também essa arte se deve aprender, a de ter casca, aparência formosa e sagaz cegueira! E engana sobre muita coisa no homem o fato de muitas cascas serem pobres, tristes, cascas demais. Muita força e bondade oculta não é jamais adivinhada; os mais deliciosos petiscos não acham apreciadores! (...) O homem é difícil de descobrir, e descobrir a si mesmo, mais difícil de tudo; com frequência, o espírito mente acerca da alma. Assim dispõe o espírito da gravidade. Mas descobriu a si mesmo quem diz: "Este é meu bem e meu mal": com isso fez calar o anão e toupeira que diz "Bom para todos, mau para todos". (Nietzsche, 2011, p. 186).

Nietzsche busca mostrar nessa analogia a mediocridade dos homens apequenados, na figura do anão. O anão, o homem pequeno, ou o do ressentimento, é aquele que nega a vida como é. Nega que a vida também é dor e, por assim ser, sofre mais.

Interessante também é o que nosso pensador propõe: aprender com os pequenos. Mas os pequenos de tamanho e possibilidades de existência, como é o caso das crianças. Aprender com as crianças, uma inversão na tradicional filosofia platônica. Para Platão, sábio é o velho. Para Platão, para filosofar só depois de uma certa idade. Para Nietzsche, é a criança a filósofa por excelência. As crianças não têm medo de chorar, de rir, de brincar, de dançar. As crianças não têm medo de ser o que são: vontade de potência.

Não encontramos em Nietzsche um desejo de excluir definitivamente o riso ressentido, por mais que ele seja amargurado, amarelo e desprovido de beleza, ele contribui com a riqueza e a multiplicidade de risos. Não se trata de proibir qualquer forma de riso, mas de hierarquizá-los. Mas neste caso, o que seria o riso de boa qualidade? Seria como já sugerimos na introdução desta dissertação, o riso inocente da criança que consegue se alegrar com o jogo da vida, consentindo com amor ao eterno retorno de criação e destruição que compõe a músicatrágica do mundo. (Medeiros, 2018, p. 120)

Aprender a desaprender. Reconstruir. Ser criança. Ser parte da vida. Aceitar as coisas como elas são. Rir das coisas. Nietzsche foi o filósofo que aprendeu radicalmente que, quando se olha para o abismo rindo, ele pode sorrir de volta. (Medeiros, 2018 p. 122) Aprendeu talvez olhando para os gregos e entendendo que da tragédia se fez uma das maiores virtudes que eles tinham.

Os gregos são, como dizem os sacerdotes egípcios, eternas crianças, e também na arte trágica não passariam de crianças que não sabem o brinquedo sublime que se formou em suas mãos – e nelas será quebrado (Nietzsche, 2007, p. 173)

Uma criança que ri, por ter um brinquedo que é causa de encantamento. Não sabe por que, mas ri. Santificai o riso; homens superiores, aprendam, pois – a rir (Nietzsche, 2007, p. 35). Temos conosco que se teve um sujeito da história da filosofia que sorriu e fez sorrir. Esse foi Diógenes, o Cínico. Àquele que viveu a transvaloração dos valores. Àquele que desprezava a moral, a cultura, a civilização. E que anunciava desde os tempos da antiguidade, que a humanidade era decadente.

Assentada no meio da exuberância da vida, de sofrimento e alegria, repleta de um êxtase sublime, a tragédia ouve um canto ouve um canto longínquo e melancólico; -fala das mães do ser, elas se chamam ilusão, vontade, dor. – sim, meus amigos, acreditem comigo na vida dionisíaca e o no renascimento da tragédia. O tempo do homem socrático passou. (Nietzsche, 2007, p. 204)

O tempo do homem socrático passou. Homem socrático enquanto aquele que não vive a vida, mas cria discurso sobre elas. Foi superado, pois outro homem surgiu, aquele que performa a vida. Aquele que vive a vida como ela é...

9.3 A SUPERAÇÃO NA TRANSVALORAÇÃO, UMA ATITUDE CÍNICA

Para superar o ressentimento, e podemos dizer agora, a vida como ela se encontra, Nietzsche propõe a transvaloração de todos os valores morais. Isso significa questionar os valores estabelecidos historicamente, socialmente, filosoficamente e criar valores que estejam de acordo com a vontade de potência.

Paschoal (2012) destaca que essa transvaloração não é um processo fácil, pois exige que o indivíduo enfrente a moral propriamente dita, a civilização, a cultura. O que foi construído historicamente e filosoficamente como bem e mal. A vida, no sentido entendido por Nietzsche, está para além do bem e do mal. “A vida é algo essencialmente imoral” (Nietzsche, 2007, p. 30) e é essencialmente imoral pois é a força do devir. A vida, sufocada finalmente sob o peso do desprezo e da eterna negação, deve ser experimentada como indigna de ser desejada e como não-valor em si. (Nietzsche, 2007, p. 30).

Aqui percebe-se a junção de tudo o que fora exposto até o momento: Vida. Arte. Filosofia. Coragem. Verdade. Naturalismo. Todos esses conceitos dizem respeito direto ao nosso entendimento de Diógenes, o Cão¹³, “um homem, sem cidade, sem lar, banido da pátria, mendigo, errante, diurna de um pedaço de pão” (Laércio, 1985, p. 162). Um homem que por não ter uma cidade tem o mundo. Um homem do mundo e para o mundo. Que vive para o mundo, para a natureza e com a natureza e sabe que isso é uma forma de cuidar do próprio homem.

¹³ Conferir em Diógenes Laércio, *Vida e Obra dos Filósofos Mais Ilustres*.

Alguém que já denunciava na antiguidade grega a falência do homem da moral, do homem da cultura, do homem da civilização, e a necessidade de superar este homem. Alguém que aprendera observando a natureza, os ratos, conforme essa passagem:

Conta *Teofrasto no Megáριο* que certa vez Diógenes, vendo um rato correr de um lado para outro, sem destino, sem procurar um lugar para dormir, sem medo das trevas, e não querendo nada do que se considera desejável, descobriu o remédio para as suas dificuldades. (Laércio, 1985, p. 158)

Vemos então na Cinismo filosófico uma forte aproximação com a natureza, até mesmo a natureza mais repugnante como é o caso dos ratos. Porém, não são os ratos sujos por natureza. Não foram eles que inventaram a sujeira do mundo. A sujeira do mundo é produto daqueles que são considerados portadores da racionalidade, os homens. Sujеiras materiais, sujeiras culturais, morais, civilizatórias, que também não são assim por natureza. E que podem ser superadas. “Diógenes corrigiu da seguinte maneira alguém que declarou que a vida é um mal: “Não a vida, mas viver erradamente”” (Laércio, 1985, p. 166).

Foram eles, os Cínicos, desde a antiguidade grega, que já denunciavam que Platão havia deturpado, o grande mestre da filosofia cínica, Sócrates, que segundo o próprio pai do cinismo, Antístenes¹⁴, Platão havia feito de Sócrates, que fora um rebelde segundo os Cínicos, um homem da moral. Dos bons costumes. Em última instância, um homem do ressentimento.

Diógenes fora o sujeito que andava de dia nas ruas de Atenas, com sua lamparina a gritar que procurava um homem¹⁵. À luz do sol, que deve ser a luz mais potente que a humanidade conhece, não era suficiente para ele encontrar o homem¹⁶... potencializando sua procura, com uma lamparina... Que homem era esse? Um homem metafísico? O ser? A galinha sem plumas de Platão¹⁷? Um homem honesto? Todos eles, impossíveis de serem encontrados.

O metafísico não existe nesse mundo. O ser, talvez no mundo das ideias filosóficas. A galinha sem plumas pode ser aquela que Diógenes arremessara contra

¹⁴ Laércio (2008), p. 153

¹⁵ Laércio (2008), p. 160

¹⁶ Laércio (2008), p. 160

¹⁷ Laércio (2008), p. 162

Platão na academia. O honesto, impossível de ser encontrado aqui (a não ser o próprio Diógenes), pois a humanidade inventou aquilo que a corrompe, a civilização, a cultura, a moral, e se distanciou da sua verdadeira natureza, a animalidade.

Quando inventamos esses aspectos acima mencionados, em concomitância com a metafísica, colocamos o ser humano também na metafísica. Logo, esses seres humanos são estranhos de si. Estão aqui, no real, mas na cultura, na moral, estão no ideal. Na metafísica.

Esse ser humano não pode ser verdadeiro, pois também existe o público e o privado. No público é o sujeito da moral, que mente em nome da moral. No privado, esse sujeito é o natural. Talvez o mais próximo do verdadeiro, pois, no privado, sozinho em si, ele é aquilo que deve ser, é um sujeito natural.

Fora ele, Diógenes, que quando soube da visita de algum filósofo imobilista¹⁸, talvez um Eleata, em sua cidade, pôs-se a andar em círculos ao redor do imobilista. Quando perguntado pelo imobilista o que fazia, este só podia responder que nada, pois se o movimento não existe, seus movimentos circulares também não poderiam existir.

Este mesmo sujeito foi quem desprezou a indesejada visita de Alexandre, o Grande¹⁹, em sua casa, que era um tonel de vinho. Estava ele fazendo aquilo que bons filósofos fazem: contemplando a natureza, o sol. Alexandre, depois de tanto o procurar, finalmente o encontrou e pedindo a ele que lhe dissesse alguma palavra de ensinamento que seja. A resposta foi que Alexandre saísse da frente do sol do filósofo.

Quando agradecido pelo ensinamento proferido, Alexandre respondeu que se Alexandre não fosse Alexandre, gostaria de ser Diógenes²⁰. Diógenes, então, deu sua célebre resposta: “se Diógenes não fosse Diógenes, Diógenes gostaria de Diógenes”.

No cinismo, na animalidade do homem-cão, a vida se faz possível. Na arte, como vida, filosofia nietzschiana se faz possível. O cinismo é a verdadeira vida como arte. Uma filosofia, vida, arte performática, que mais do que estar preocupada em criar

¹⁸ Laércio (2008), p. 162

¹⁹ Laércio (2008), p. 160

²⁰ Laércio (2008), p. 160

discursos racionais sobre a vida, viverá e demonstrará com seu corpo e seus atos os absurdos da vida metafísica.

Performar e demonstrar o absurdo do imobilismo ao andar. Performar e demonstrar o absurdo da moral ao procurar um homem honesto. Performar e demonstrar o absurdo do homem metafísico platônico ao arremessar uma galinha sem penas no filósofo das ideias. Performar e demonstrar o absurdo do autoritarismo ao tratar com desdém Alexandre. Absurdos que apontam para o nada, para a vontade de nada, para o niilismo.

É apenas na vida cínica, na vida trágica, no riso trágico, que podemos reafirmar a máxima cínica: é possível filosofar em qualquer situação da vida, nas mais adversas situações, desde que nos coloquemos como seres do mundo. Seres da vida. Como seres da vontade de potência é que se faz possível filosofar. Cinismo enquanto possibilidade de entender a vida como ela é; de colocar na vida, no desabrochar, no devir que é inerente à própria vida.

Cômico, mas ao mesmo tempo com ensinamentos às vezes não vistos, Diógenes é aquele que tem a coragem de viver a vida como ela é, na natureza animal, no devir, no desabrochar. Ele já sabia o que Nietzsche falou quase dois mil anos depois: a vida é amoral. Logo, viver na moralidade é ser contra a vida.

Diógenes é aquele que despreza a moral, pois sabe desde os séculos IV a. C. que a moral apequena o homem. Diógenes estava vivendo a transvaloração. Diógenes provavelmente ria daqueles que o olhavam com espanto, e nós rimos de Diógenes com um riso envergonhado, pois... Gostaríamos de ser Diógenes?

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final, ou pelo menos aos três pontos (ou reticências) deste trabalho. Sabemos, muito poderia ter sido feito, e muito ficou para trás. Mas, em meio a essas páginas, a sensação é algo de descoberta. Algo de riso em meio ao ressentimento. Talvez seja única sensação que fique, passados alguns anos. Afinal, acreditamos que, a vida é feita de sensações, e este trabalho fez da vida da pessoa que o escreveu.

Neste trabalho, tentamos construir uma visão geral do problema do ressentimento na filosofia nietzschiana. Várias são as possibilidades e desdobramentos de se estudar algo dessas proporções nesse autor. Várias são as obras e os comentadores possíveis. Preferimos principalmente as obras '*Genealogia da Moral*', '*Para além do bem e do mal*', '*Assim falou Zaratustra*' e uma obra que nos ajudou muito na construção desse trabalho foi, por incrível que pareça, '*O nascimento da tragédia*'.

Isso tem uma razão de ser, e foi um percurso "natural" deste trabalho que aqui se apresenta; isto é, as próprias reflexões feitas dentro do trabalho foram levando para esse caminho. Falamos do ressentimento para falar da superação do ressentimento. Das ideias nietzschianas para superar esse problema psicofisiológico da moral, da civilização, da cultura ocidental. Claro, que todo trabalho tem seus objetivos, mas também tem caminhos e desdobramentos que vão sendo forjados no desenrolar do próprio trabalho.

Pode-se dizer então que focamos aqui no problema psicológico, ou melhor dizendo, psicofisiológico do ressentimento. Vale ressaltar que Nietzsche também analisa o ressentimento como fenômeno político. Não foi de nosso interesse analisar isso, mas é importante ressaltar que o ressentimento como fenômeno político é muito importante que deve ser olhado com cuidado.

Em linhas gerais, o ressentimento é um fenômeno interno do ressentido. Um fenômeno de sentir-se pequeno, impotente, doente frente às possíveis adversidades da vida que são geradas na cultura por existir uma moral, uma ideia de civilização e uma equivocada ideia de que somos donos do nosso destino. Em última instância, uma falsa ideia de livre arbítrio, que faz com que criemos mundos possíveis e quando este não desabrocha como queremos, ficamos presos a essas ideias, nos afastamos do real e nos prendemos no ideal que existe apenas em nossas mentes, e que fará nos sentirmos injustiçados pelo desabrochar da vida.

O ser humano então está nesse mundo, entre o ideal e o real, entre a moral e a própria vida, entre a metafísica e o físico. O que nosso autor está querendo nos dizer é: a vida é algo imoral, a vida não pede permissão para ser o que é, a vida não está preocupada com certo ou errado, bem ou mal... a vida é vontade de potência, isto é, a vida tem em si uma força para continuar viva. Força essa que é mais forte que qualquer

desejo que o ser humano possa ter, maior que qualquer ideia ou ideal. O ser humano então vive nesse mundo, mas não aceita esse mundo.

É aqui que está o cerne do nosso problema. Não aceitar o mundo como ele é. A culpa dessa não aceitação não é nossa, mas é da própria civilização que nos forjou, da própria cultura, da filosofia socrático-platônica, que tem relação direta com o mundo conforme a humanidade o interpretou. Filosofia e cultura que nos colocam em um lugar de destaque no mundo, mas esse lugar de destaque existe apenas nas ideias. Nietzsche está aí para nos lembrarmos que somos sujeitos do mundo, fazemos parte do mundo como ele é, e que por sermos assim deveríamos, no mínimo, aceitar essa condição e ver beleza nisso, pois ela existe.

Analisamos também o problema do ressentimento em relação a um outro forte conceito da filosofia de Nietzsche: a má consciência. Pois bem, esse sujeito que está aí no abismal mundo como ele é, mas não o vê assim, cria rancor, mágoa, ressentimento com esse mundo. Esses sentimentos vão forjando o modo como o ser humano interpreta esse mundo. Então vai forjando sua má consciência, que mais do que ressentido é um sujeito que tem uma má consciência para com a vida; acredita fielmente que o desabrochar das coisas é para o atingir. Vemos aqui mais um mal gerado pelo antropocentrismo.

O que também analisamos é que esse sujeito ressentido, esse sujeito de má consciência, convicto de seus ideais, tentará se vingar. É o que nosso autor chama de sede de vingança. Esse sentimento que volta de novo, essa forma equivocada de ver o mundo, faz com que esse sujeito se revolte contra o devir. Buscará então vingança, contra o desabrochar das coisas, até mesmo das pessoas que ele pensa que lhe causaram mal.

Aqui, ele está cometendo um grave equívoco: sua vingança, seu veneno, está dentro dele. Então, quando este tentar se vingar do mundo, mais uma vez sua dor aumentará, pois, em último caso, ele estará tentando se vingar de si próprio. Ou seja, o ressentimento é um veneno que se bebe só, mesmo quando este quer que seja diferente.

Então chegamos ao ponto de maior relevância de nosso trabalho. Sabemos que existe o ressentimento. Sabemos que existe a má consciência. Sabemos

que existe esse estar no mundo e não sentir-se bem com o mundo. Mas existem outras formas de nos colocarmos no mundo. Há outras possibilidades de olhar para o mundo e se enxergar no mundo, ou seja, existem formas de superar o ressentimento.

Um primeiro ponto importante para tal é nos entendermos como parte do mundo. Chamamos isso em nosso trabalho de *naturalismo*. Nietzsche e vários outros comentadores chamariam de *amor fati*. Ora, antes de qualquer ideia, ideal, teríamos que entender a condição que somos: filhos da natureza, filhos da evolução. Somos também àquela primeira forma de vida que gerou o mundo, ou natureza como é hoje, e vem gerando. Somos parte disso. Somos seres também biológicos. Afirmar isso é lembrar que o ser humano não é uma entidade abstrata, uma alma presa ao corpo. Mas é corpo. Um corpo que chora, que ri, que sente, ressentido. Que dança, canta, ouve, escuta. Que tem sentimentos, dores, angústias, afetos, medos. E tudo isso, mas não só isso, faz de nós parte da vida.

É possível dizer que Nietzsche está falando que para superar o ressentimento, e até mais forte que isso, que para superar a vida como ela está, precisamos aprender de novo. Aprender com o corpo, aprender com os instintos, e não se sentir mal com isso. Aprender que corpo e alma sejam talvez as mesmas coisas, mas uma alma não abstrata, uma alma real, que fala, grita, chora, canta, e poderia dançar a dança da vida, que é uma eterna mudança.

Podemos ser artistas da vida. Vida como arte. Crianças do mundo. Aprender com as crianças, e não apenas ensiná-las, afinal, por estarem mais distantes dos ideais da civilização, dos ideais da moral, elas têm muito a ensinar. Aprender com o olhar de espanto e encanto que elas têm. Aprender com a curiosidade de saber como são as coisas. Aprender com uma criança que arremessa um brinquedo ao chão apenas para ver aquilo sendo outra coisa. Aprender com o choro. Com o riso.

Vida, filosofia e arte. Coisas que pensamos ser separadas umas das outras, mas que talvez sejam as mesmas coisas. Coisas que nos colocam na vida como ela é. Por fim, falamos de um *Sócrates demente*²¹, assim foi que Platão denominou Diógenes, o cínico. E por que falar do cão da filosofia nesse trabalho? Fora Diógenes que

²¹ Laércio (2008), p. 162

aprendeu com os ratos, com os cães, e com as crianças²². Fora Diógenes que se colocou como sujeito do mundo. Fora Diógenes que com seus atos performáticos incomodava os atenienses, por expor a vida como ela é. Fora Diógenes um artista da vida, que ensinou com a vida, com seu corpo, o que é a vida.

Talvez, olhando para as crianças, ou para os artistas da vida, possamos ver a beleza por trás de todo e qualquer desabrochar da vida. Talvez com um riso, mesmo que trágico, possamos encarar a realidade. Talvez essa seja a função da arte, ou da filosofia. Afinal, acreditamos que toda boa filosofia gera espanto ou encanto, bem como toda boa arte.

Estudar o ressentimento parece ser algo de um ressentido, e de fato o é. Mas para além disso, foi legal descobrir que existe um filósofo que dedicou páginas e mais páginas para isso e, no final, sorriu. Aliás, quase nunca quando se pensa em Nietzsche se pensa em alguém feliz ou sorridente. Pois saiba, ele existe. Esse trabalho já valeu a pena por qualquer nota que seja, só por ter descoberto esse Nietzsche não tão conhecido. Obrigado, Thiago de Oliveira Medeiros, foi por meio de seu texto que descobri o riso em Nietzsche.

Ao mesmo tempo, foi legal descobrir um Nietzsche preocupado com a história e que se coloca como um homem do seu tempo, como é o caso do texto usado "*O veneno da história ou a história de um veneno: Nietzsche e a construção da filosofia histórica*". Foi uma descoberta valiosa, uma vez que a Filosofia Latino-Americana tem como Filosofia Primeira a história, e não a metafísica. Talvez num futuro próximo venha a ser tema de estudo: Nietzsche na América Latina. Ou isso seria um aspecto de apropriação cultural? Não sabemos.

Seria o indígena, aquele que vive em conformidade com a natureza, um sujeito histórico, filosófico, cultural, social e político, um exemplo que não carrega consigo o ressentimento? Ou isso é apenas um estereótipo de um indígena que só existe na mente desse que escreve esse texto?

Durante as leituras e desvaneios, vieram à mente as relações possíveis entre Nietzsche e Freud. Seria Freud um leitor de Nietzsche? Será que o ressentimento

²² Laércio (2008), p. 164

é um aspecto, uma forma de manifestação do inconsciente? Ou será que o ressentimento é, de alguma forma, o próprio inconsciente? Afinal, o ressentimento aparece de novo, de novo e de novo. Ou será que a má consciência de Nietzsche é o inconsciente de Freud? E parece que às vezes não sabemos por que reaparece esse sentimento teimoso. O inconsciente é algo desse tipo?

Muitas são as possibilidades. Mas o sentimento que realmente fica é o poder do riso enquanto forma de superar um mundo que se apresenta pequeno pelo homem que vive no mundo que apequenou. O poder da criança na possibilidade de um mundo mais leve, de uma vida mais leve. O poder da arte na vida e da vida na arte. Neste outro mundo, que na verdade é o próprio mundo (o outro mundo é o da metafísica), a vida é uma festa. Acontece que nem toda festa é boa. A nós, bastaria, aceitá-lo, (talvez esse seja o maior e difícil desafio da filosofia nietzschiana) e doerá menos.

11 REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: Introdução à filosofia**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1986.

BACELAR, K. A vida como ela é. **Cadernos Nietzsche**, n. 1, p. 33 - 52, 1996.

CAMPELLO DE MELO, F. A. B.; DOURADO, I. G. . Ressentimento e civilização ocidental na filosofia de Nietzsche. **Aufklärung: revista de filosofia**, [S. l.], v. 7, n. esp, p. p.39–50, 2020. DOI: 10.18012/arf.v7iesp.56764. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/arf/article/view/56764>. Acesso em: 22 set. 2023.

DOS SANTOS, Felipe Thiago. O VENENO DA HISTÓRIA OU A HISTÓRIA DE UM VENENO: NIETZSCHE E A CONSTRUÇÃO DA FILOSOFIA HISTÓRICA **Kínesis**, Vol. VI, nº 12, Dezembro 2014, p.58-73. Acesso em nov. 2023

EIZIRIK, Marisa Faermann; TREVISAN, Juliano Fontana. Da genealogia da moral à moral do ressentimento: a crueldade nos bons costumes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 26, n. 3, p. 360-367, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 set. 2023.

FARIAS, Ícaro S. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. **Revista Húmus**, [S. l.], v. 3, n. 7, 2013. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1505>. Acesso em: 22 set. 2023.

GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas)

LAÉRCIO, Diógenes, **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama Kury. 2ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LEITE, Gisele. **A ética trágica de Nietzsche ou mecânica do ressentimento**. Disponível em <https://conteudojuridico.com.br/coluna/1854/a-etica-tragica-de-nietzsche-ou-mecanica-do-ressentimento>. Acesso em 1 de outubro de 2023.

MEDEIROS, Thiago de Oliveira. **NIETZSCHE: UM RISO FILOSÓFICO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL**. João Pessoa, 2018.

MOSCARELI, LOUISE AZEVEDO. **AMOR FATI: A EXPRESSÃO DA DIFERENÇA COMO AFIRMAÇÃO DE SI MESMO**. Pelotas, 2019

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo

César deSouza, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Assim falou Zaratustra.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia dasLetras, 2011.

_____. **Ecce homo.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Fragmentos póstumos: 1887-1889: Vol. VII.** Trad. Marco Antônio Casanova. Riode Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Fragmentos póstumos: 1885-1887: Vol. VI.** Trad. Marco Antônio Casanova. Riode Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo:Companhia das Letras, 1998.

_____. **Humano, demasiado humano.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhiadas Letras, 2000.

_____. **O Anticristo: maldição ao cristianismo.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo:Companhia de Bolso, 2016.

_____. **O nascimento da tragédia ou pessimismo ou helenismo.** Trad. J. Guinsburg. SãoPaulo: Companhia de Bolso, 2007.

PASCHOAL, A. E. **Nietzsche e o ressentimento.** São Paulo: Humanitas, 2014.

_____. O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 34–43, 2016. DOI: 10.26512/rfmc.v4i1.12531. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12531>. Acesso em: 22 set. 2023.

PLATÃO. **FÉDON.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)

PINTO, Rodrigo Hayasi. Ressentimento E Esquecimento Em Nietzsche. Ressentimento e esquecimento em Nietzsche, **Kínesis**, Vol. XI, nº 26 (Ed. Especial), fevereiro 2019, p.125-148. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8760>. Acesso em agosto de 2023.

REGINSTER, B.. Ressentimento, poder e valor. **Cadernos Nietzsche**, v. 37, n. 1, p. 44–70, jan. 2016.